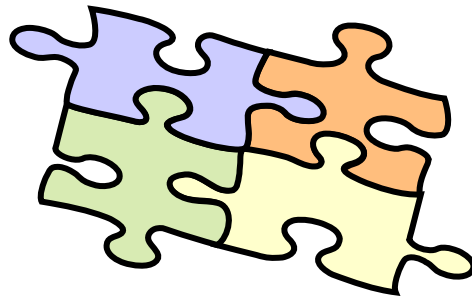


*Salomão Rovedo (org.)*

*Abgar Renault*



*Antologia de*

**SONETOS**

Exceto "*Sonetos Antigos*", 1923  
Compilados de "*Obra Poética*" - Record, 1990

Rio de Janeiro

2001

## POETA NOVO POETA

No centenário de Abgar Renault (1901-2001) <sup>1</sup>

*“No poeta, quebra-se o elo da transmissão: o indivíduo, por instantes, opõe-se à sociedade – consciente ou inconscientemente – e, com os mesmos processos de língua-social – também consciente ou inconscientemente – cria os seus valores individuais, sua língua-indivíduo: estilo.”*

Antônio Houaiss: *Seis poetas e um problema*, MEC 1960.

*“Vós, poetas, não sabeis o amargo de ser ou não ser poeta quando o mundo em dor se alarga e em água se reduz e cintila, quando o amor em nossa carne viva morde a sua garra ou seta, ou quando, na hora mais morta da noite, entre mar e mar, a vida só existe no olhar intenso da treva a escrutar dentro da insônia grávida o que fizemos da nossa vida.”*

Abgar Renault: *Prefácio de desculpas*, A outra face da lua, José Olympio, INL 1983.

<sup>1</sup>(Nas *Indicações bibliográficas sobre o autor* do volume *Obra Poética* (Record 1990), consta, *verbis*, "Nascido aos 15 de abril de 1903, em Barbacena, Minas Gerais". A Enciclopédia de Literatura Brasileira de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa registra o ano de 1901).

Para o leitor, apaixonado ou não, a poesia traz segredos e com eles o mistério. Cada novo livro é um portal de deslumbrante paisagem, o poeta lido e relido se transforma em novo autor, cada volume reaberto é renovação, nova idéia, redescoberta de amor, ritmo intenso, imagem fixada. A poesia não envelhece. Assim, o (re) encontro com a poesia muitas vezes também se faz por osmose, atração indescritível, escondida atrás de meandros, ritual vodu, hipnose, puro magnetismo, sonho, incenso e tarô. Vagando dentro desse universo – e mais alguns – apenas a leitura de um poema, *Filho morto*, incluído no livro *“Ensolarando Sombras”*, de Vera Brant, provocou a transferência direta para a alma e o coração de Abgar Renault, transportado à *“uma paisagem de fluidez de luz”*.

Aberta a primeira porta, olhos escancarados, o passo seguinte foi desenterrar no sebo [o poeta é raro] o volume *Obra Poética* (Editora Record 1990), que junta os livros *“A princesa e o Pegureiro”*, *“Sonetos Antigos”* (1968), *“A Outra Face da Lua”* (1983), *“A Lápide Sob a Lua”* (1968), *“Sofotulafai”* (1971), *“Cristal Refratário”*, *“Íntimo Poço”*, *“Thanatos”*, *“O Rio Escuro”*, desvaíar-se com a lírica irreprochável de uma poesia cuja raiz circunda o coração, as vísceras, todas as artérias, mas nem por isso deixa de ter origem contemporânea, nem de pertencer à elite cultural, pós modernista. Singular. E plural.

Não foi fácil, por outro lado, o poeta decidir aparecer, despetalar-se do casulo em que estava aprisionado por entaves das profissões que havia optado exercer: político, educador, diplomata. Pois tal dúvida suscitou uma amistosa revolta em vários contemporâneos, que literalmente o obrigaram a apresentar a arte poética para publicação. Abgar Renault já havia provocado grande entusiasmo em Tristão de Athayde, o primeiro e desvendar a determinante de um poeta em cuja obra parecia *“tão clássico em sua modernidade.”* Vários outros se debruçaram curiosos ante a claridade despendida pela letra que não perdia a alma, mas avançava resoluta para o futuro.

O conterrâneo e contemporâneo Carlos Drummond de Andrade, amigo do *"admirável e esquivo poeta"*, estranhou haver nesses tempos *"um autor fugindo a ser editado"*. Drummond foi um daqueles que não descansou até que Abgar Renault resolvesse entregar-se ao sétimo dia de criação, apresentando seu trabalho ao editor José Olympio, para que perdesse por fim a fama de ser *"um poeta avesso a aparecer em livro"*. Assim todos poderiam dividir com o poeta de Itabira a poesia que trazia em seu cerne *"uma aguda visão do mundo e do ser, envolta em magia verbal"*.

Uma noite marcha sobre mim

Eu carreguei o meu corpo de abelhas e relâmpagos  
e me escorri em sonho e sede à tua espera,  
e o meu planeta descreveu a órbita infinita da esperança de ti  
com os seus rebanhos de incêndio e desespero.

Sonhei-me lã sobre as tuas espáduas escarpadas,  
pele sobre a tua, escamas, tempestade e erosão  
em todo o curvo território das tuas arquiteturas,  
fulvo campanário a clamar por tua constelação.

Banhei de ávido vinho as praias e as escadarias  
onde surgiria o sol do teu tropel universal,  
tingi de esmeraldas e sabores o dia complexo,  
dei à sombra o esplendor de límpido metal.

Não sei o que sonharam dentro de mim estas mãos e esta boca,  
mas eu esperava ser a tua habitação e habitar-te  
com a fluida força, o solto peso e a exatidão  
com que a água no côncavo busca a forma.

Por que se nublou e desfolhou o cristal interior  
em que vacilavas para a minha escarpa? Por que rolaste  
do fio de um minuto, pelo outro vértice,  
desaparecendo sob o olhar estéril do meu pântano?

Sem sonho gritam meus olhos na oceânica solidão,  
recuam palavras partidas e beijos derrotados,  
estiram-se meus braços como trilhos para nenhuma viagem,  
e uma noite marcha sobre mim cheia de frutos rotos, luas arruinadas e cemitérios.

A estrada parece de fácil trilhar uma vez percorrida. No caso particular de Abgar Renault, o poeta optou por uma poesia ao mesmo tempo íntima e universal, sem associar-se a escolas e institutos capazes de determinar algum tipo de fronteira ou limite ao poder de criador. Livre, simplesmente livre, como deve ser toda arte criadora. Pôde assim correr todas as trilhas, expandir-se a limites intoleráveis dentro de uma produção absolutamente impecável. Abgar Renault foi quem primeiro estabeleceu mais nitidamente o poder imaginativo dos contrastes, festejando poderosamente o claro e o escuro, a cor e o gris, a luz e a sombra, a fealdade e a beleza. Integrou a poesia às demais artes, levou-a ao âmago da natureza periscópica que cerca o homem.

A linguagem depurada, inata em Abgar Renault, foi elemento fundamental para que expoentes da nossa cultura rendessem-lhe a mais exaltada admiração, citando como exemplo pós-modernista a *"poderosa linguagem lírica, sempre associando a vocação especulativa à sensibilidade que não recusa problemas humanos"*, além de considerá-lo *"uma das chaves que explicam a projeção e o prestígio da poesia brasileira contemporânea"* (Adonias Filho). A poetisa Henriqueta Lisboa, como todos, se impressiona com a inviabilidade de Abgar Renault, édito apenas para poucos privilegiados, desconhecendo-lhe o talante na arte de se manter escondido. Tal invisibilidade não conseguiu deter a poetisa, nem deixá-la de ressaltar os méritos, ao reconhecer que *"a construção do seu poema se recorta em técnica delicadamente geométrica, sem espriar de sentimentos nem respingos de espuma."*

Curiosamente o mesmo soco que me agrediu agradavelmente ao conhecer Abgar Renault neste início de ano 2001, tenha outrora atingido o também poeta Mário Chamie: *"A poesia brasileira alimenta, ao longo de sua história, um jogo de oposições e contrastes. Esse jogo não implica necessariamente rivalidade mortal dos pólos opostos, de tal modo que um sobreviva à custa da exclusão do outro. A tradição dos opostos pendulares de nossa poesia não elimina os contrários. Não. Na verdade, o que ela estabelece é uma transfusão das substâncias próprias de cada um. Transfusão sem a qual nem um nem outro subsistiria."* (Mário Chamie-*"Enigma: Claro e Escuro"*-Suplemento *Cultura*-O Estado de São Paulo, 30.9.1984, apud *"Obra Poética"*, cit.).

O poeta concede vênua ao rigor classificatório que incita a santificação de poetas titulares, mesmo à revelia dos mesmos: *"A tradição dos contrastes em nossa poesia, talvez, já seja a evidência de que é impossível definir a sua substância, a não ser considerada ela própria um enigma. A poesia brasileira, nesse sentido, acolhe a realidade nuclear desse jogo. Passa por ela o corte transversal da duplicidade básica em que a luz se opõe à sombra, o claro se opõe ao escuro."* (Mário Chamie, op.cit.)

Entre o claro e o escuro acende-se o arco-íris, figura permanente na ótica de Abgar Renault. O enigma que excitou Mário Chamie levando-o a realizar o ensaio enfrenta a disparidade paralela de poetas do naipe de Gregório, Drummond e Abgar. Interessa-nos o último: *"Refiro-me a Abgar Renault. Ele não está entre Gregório de Matos e Carlos Drummond de Andrade. Abgar Renault situa-se no centro daquela indagação, com a independência de quem refaz a substância do poema, na sua vivência e na visão que tem de si mesmo e do mundo."* (Mário Chamie, op.cit.)

Por fim, Mário Chamie – com lucidez e claridade – enquadra a poesia de Abgar Renault numa dimensão sem molduras: *"Se Abgar Renault é uma primeira pessoa plural e sujeito do verso que conjugamos, o que ele fez de si, o fez para nós no melhor legado da nobre tradição de nossa poesia."* (Mário Chamie, op.cit.).

Isso se pode ler claramente em Perguntas ao crepúsculo/I:

Mas por que tamanho azul?  
 Por que parado em silêncio  
 esse automóvel sem cor?  
 Quem veio, quem voltará?  
 Por que também esta grama  
 e tantos passos ausentes?  
 Por que escrevo cartas velhas,  
 nova letra, verde tinta,

desesperadamente,  
 à estrela Alfa ou Gama,  
 que, clara, tão clara, pinta  
 de surdo luto e segredo  
 o raio de lua e sol?  
 Por que hoje uma fita escura  
 a marcar página em branco  
 neste livro em minha mesa?  
 E uma garrafa de vinho  
 – púrpura, vívido e bêbedo –  
 por que na frente de mim,  
 sem mãos, sem lábios, sem copo?  
 Por que nos olhos, no ouvido,  
 sem o possessivo *minha*  
 a curva concha marinha  
 cheia de mim e sonatas  
 de Mozart – frágeis, mas sempre?  
 Por que não ser seqüestrado  
 pela resposta à pergunta  
 sepultada em meu peito?  
 Por que, para ser feliz,  
 por que, para que não o ser?  
 Por que contabilizar  
 arcaicos números mortos,  
 buscando débito e crédito,  
 e procurar receber  
 escassos, dúbios cifrões  
 há tanto tempo caídos  
 em exercícios já findos?  
*Março, 1975*

Para ver como são as aparências: nem sempre uma coisa é uma coisa. A palavra de Carlos Drummond de Andrade veio mais cedo, mas – hoje se vê – ficou escondida nas fronteiras de um espaço em que Abgar Renault ainda não transitava plenamente. Claro estava que o poeta iria crescer e muito.

*“Abgar Renault figura numa antologia de poesia moderna como poderia figurar – se tivesse idade prolecta – numa antologia dos últimos parnasianos. Não esquecer que começou modelando “sonetos antigos”, num tempo em que Bilac apenas se despedia com a Tarde e a poesia chamada modernista era apenas um poema de Manuel Bandeira no Malho: “Quando perderes o gosto humilde da tristeza...” (Carlos Drummond de Andrade “O Pessimismo de Abgar Renault”-Confissões de Minas, 1944 apud “Obra Poética”, cit.).*

Se o modernismo no Brasil se transformaria num rotundo fracasso (para alguns setores da chamada elite cultural), na poesia transitaria *de passagem* apenas, animando as almas como um hálito renovador, mas que carecia ser destrutivo para vingar. A poesia bebeu o leite do modernismo, o néctar, depois cresceu, desmamou. E Abgar Renault – de sólidas humanidades – reinventou, numa série de 24 sonetos que deu nome de “Sonetos Antigos” (1923), toda a emoção camoniana e dos sonetistas clássicos. Era muita audácia, justo numa época em que aferventava o modernismo na boca

do vulcão cultural que se transformou o eixo Rio - São Paulo. Não sabiam o quê daquilo restaria, se a colheita farta, se apenas espaçados rescaldos em alguns cantos, antes de se transformar em fumaça.

Naqueles tempos nem mesmo Carlos Drummond de Andrade poderia antever em Abgar Renault um poeta que, despidoradamente, trespassaria os movimentos literários com a liberdade e o poder de uma voz tão impecável, acima de tudo e de todos, à qual não se poderia mover nenhuma crítica ou censura. Quando Abgar Renault faz poesia todos se calam respeitosa e admiravelmente. “*Mas vem o modernismo – continua Carlos Drummond de Andrade – e Abgar Renault é situado nele sem perder sua característica fundamental, o culto às formas decorosas de expressão. Nessa imensa falta de respeito que foi o modernismo, Abgar conservou o respeito próprio e o respeito dos outros.*” (Carlos Drummond de Andrade, op.cit.)

Dentro dessa poesia de caráter mágico descobre-se abismado o mundo particular dos sonetos de Abgar Renault. Quando lidos assim, metidos em máscaras de carnaval veneziano, escondidos entre florestas de poemas, os sonetos de Abgar Renault conseguem passar livre. Mas basta uma visão mais atenta para ver que o espaço que medeia entre um soneto e outro é ocupado por uma espécie de viaduto sentimental, humano, caloroso. Há um invisível mas *claro-escuro* elo de ligação entre os sonetos. Neles Abgar Renault se solta, se desnuda por inteiro, sem pudor, sem freio, sem limitação.

Foi sob a forma do soneto que Abgar Renault escolheu para tratar os temas mais íntimos, para dar recados cabalísticos, para falar aos seus como se estivesse sentado junto, conversando na intimidade das salas ou dos quartos, quando o tema era o amor, o erotismo, a paixão da mulher amada, a amizade, o apego aos próximos. Apesar de terem sido publicados entremeados aos poemas, os sonetos de Abgar Renault provocam o sentimento mais que de *unidade*, ultrapassando além mesmo as fronteiras da íntima *cumplicidade*.

Não se trata apenas de semear toda a poesia nos catorze versos que compõem o soneto clássico. Ao compô-los o poeta Abgar Renault caminha pelas frases com a calma de asceta, a tranqüilidade de alguém que dá os primeiros passos para percorrer uma longa estrada. Mas quando o soneto chega ao fim deixa a sensação de que tudo foi dito, com todas as palavras, sem economia e contenção, sem a concisão estética que tantos apregoam, sem agredir a gramática, principalmente, sem economizar a beleza, em versos que acumulam som, cor, luz, perfume, gosto. É uma sensualidade de sabor bíblico, “*estes rosais do último céu desperto*”, verdadeiramente imperceptível a leituras apressadas.

Foram esses tais detalhes e a excepcional qualidade da poesia de Abgar Renault que Carlos Drummond de Andrade quis destacar, com propriedade, quando fuzilou a *imensa falta de respeito que foi o modernismo*, evidentemente referindo-se, entre outras coisas, à tentativa frustrada de Mário de Andrade de impor uma *fala brasileira* a nível cultural. Mas havia essa imposição mesmo ou foi defeito de interpretação?

O próprio Mário de Andrade cita o fato em carta a Prudente de Moraes, neto: “*Meu destino é viver e dentre estes que andaram modificando a maneira de ser artística dos brasileiros, na certa de que sou dos mais vividos. Isso eu gozo. Às vezes, está claro, me irrita a maneira com que tendências sérias, elevadas e sinceras, em que me meto, sejam reduzidas a pó-de-traque pelos continuadores. Como é o caso do brasileiro, e o caso da língua, problema tão nítido na minha inteligência desde o princípio e que foi pavorosamente, enjoativamente desvirtuado por todos os que não compreenderam a parte puramente experimental da aquisição de estilo e*

***principalmente de enunciação de caracteres não fixos mas generalizáveis da nossa maneira de pensar e sentir, e conseqüentemente de exprimir.***”

(Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto-1924/36–Georgina Koifman (org)–Nova Fronteira 1985).

Poderia se dizer que somente Guimarães Rosa veio a entender o que seria uma "fala brasileira", ao atracar sua memorável obra ao *brasileirismo* a que Mário de Andrade se referiu, apesar da fala do autor de Grande Sertão: Veredas ficar restrita às fronteiras de Minas Gerais – ou às fronteiras *das Gerais*, território que na verdade extravasa para além de Goiás e Mato Grosso.

Mas se Abgar Renault *conservou o respeito próprio e o respeito dos outros*, certamente não deixou de percorrer outros destinos, porque tem a natureza dos experimentalistas, dos aventureiros e exploradores, para os quais nenhum caminho deve ser percorrido se não for uma estrada nova, cujas curvas são desconhecidas, as escarpas e desfiladeiros um desafio permanente. Essa forte impressão é a feitiçaria imposta pela redescoberta desse *novo poeta*, que escreve aliando a natureza animal da poesia à liberdade de escrever, “*porque o sopro de uma treva contagiosa / influiu, passando, a minha forma e coloriu o meu olhar*”.

E assim, livre e sem cabresto, sem medos, freqüenta os salões e as catedrais com a mesma dignidade com que penetra no cárcere e na capela mais simples. Usa de todas as formas – não envergonha nem se prende a nenhuma delas. “*O poeta mete a língua na vida albeia, na língua albeia, na obra albeia, na dor albeia e na própria dor*”, como disse Cacaso de Glauco Mattoso.

A vida tem uma faca na mão

Vamos parar de ler. Paremos de escrever.  
Olhos e mãos circulam no papel  
ao serviço da dor e da desgraça,  
mas as palavras são frias e sem fel

para exprimir o desespero dessa taça.  
Ninguém sabe escrever. E ninguém pode ler  
o que fica, depois de tanta luta fútil,  
a escuridão desvirginada do teu ser

na indiferença de uma folha de papel.  
Hoje, ontem, amanhã – amanhã sobretudo –  
a vida sempre tem uma faca na mão,

vai sob as unhas, vai direto ao coração,  
dói nos olhos, nos pés, dói na alma, dói em tudo,  
torna toda a poesia um jogo raso e inútil.

Abgar Renault é um poeta consciente e livre. Manteve-se encolhido no limbo premeditado, com medo daquela “*poesia equilibrada, consciente, silogística, que nasce, cresce e se conclui como um teorema ou uma fórmula estatística...*” (Prefácio de desculpas). Necessário fosse, não teria pejo em usar a gramática inteira – o passado e o presente – em sua poesia, pois tudo o que diz o faz com todas as palavras e paisagens a que tem direito. No entanto, dono de técnica apurada, não se preocupa em ser adjetivo,

substantivo, conciso ou contido – se essas fórmulas venham para danificar a sua idéia, desequilibrar o que pretende construir. Aplica no sonho e na matéria o poder do imaginoso, é fantástico na descoberta de novas e belas construções, extraordinário no detalhe, insuperável nas cores e luzes. Encontrou soluções esmeraldinas, até mesmo para as imagens e fotografias desgastadas pelo uso contumaz. Não é fácil, não, nada é truque, principalmente porque *“chega um momento em que a vida é distância, e tudo é tarde.”*

A descoberta dessa poesia atualizada, didática e exemplar, obriga juntar os sonetos num só pacote, para que a leitura dos mesmos em conjunto transmita a mesma sensação de felicidade e alegria. Apesar de Abgar Renault obedecer nos sonetos à forma tradicional, sem exceder-se, em algumas poesias nota-se a mesma cumplicidade honesta, tanto em emoção quanto na temática. Os sonetos são reflexos de coisas, situações, crenças, ideologias e fatos muito pessoais ou extraordinários. Não que haja neles uma unidade, nem isso é necessário para atestar a beleza e qualidade, mas há sim uma forte identidade, cumplicidade irmã, intimidade impúblicável, parentesco excessivamente familiar. Uma sala, um espelho quase sempre presentes guardam íntima versatilidade e desavergonhada pureza, um *“silêncio de sombras entre folbas”*.

Enquanto pode fugir da "esfinge que ontem, na estrada de Tebas, fitou em mim os seus olhos e me dissolveu". Simplesmente não quer ser comparado, prefere a invisibilidade a ver sua obra poética *"reduzida a esta rala poesia, a esta ou nenhuma poesia sem surpresa e sem mistério, a este coração nu, direto, elementar, irreversível..."*, conduzida a excessivo debate, desgastantes comparações, debitada a compulsões teóricas, em respeito à opção de caminhar outro trilho que não o puramente literário. Agora que se computa um centenário de nascimento à sua biografia, o que fazem os guardiões da mina poética deixada por Abgar Renault, que não a expõe toda se a cultura luso-brasileira, a poesia latino-americana assim o exige? Não se sabe...

O fato é que Abgar Renault, embora tenha conseguido a leveza dos anjos, não conseguiu tornar-se invisível, se é que tentou. Numa peça encaixada em "A outra face da lua" (Livraria José Olympio Editora/Pró-memória/INL 1983), intitulada *"Prefácio de desculpas"* – que aqui vai inteira – ele, o poeta mesmo, nos deixou um itinerário, o mapa de uma derrota, algo em que confessa a dificuldade sentimental que tem em exercer plenamente a poesia:

*Perdoai-me a soberba de haver-me sonhado vosso irmão,  
sem ver nem ouvir estéril vácuo nas minhas palavras,  
que não soube nunca encher meu grave coração.  
Perdoai os versos incomunicáveis do chão de lavas  
e de pedras em que vivo. Perdoai o vinho, o sal, o pão  
sem fé que meu corpo e minha alma receberam gratuitamente.  
Perdoai perdidamente a voz esquiva e outrora,  
que entre os esbeltos cantos de profundas vozes  
se compôs de tristeza essencial e de vaga alegria malcontente,  
se ergueu, e se apagou de pobreza e de fadiga.  
Perdoai-me se me esqueci a mim sentado entre vós,  
como um de vós, e não reconbeci meu destino tão comum,  
e procurei dar-lhe forma impossível, sem o hábito de fogo que anima a elementar argila.  
Perdoai, em mim, a quem se viu um dia sem destino nenhum.  
Vós, poetas, não sabeis o amargo de ser ou não ser poeta  
quando o mundo em dor se alarga e em água se reduz e cintila,*



*quando o amor em nossa carne viva morde a sua garra ou seta,  
 ou quando, na hora mais morta da noite, entre mar e mar,  
 a vida só existe no olhar intenso da treva a escrutar  
 dentro da insônia grávida o que fizemos da nossa vida.  
 Não podeis saber como arrasa saber o que é poesia,  
 ouvi-la e vê-la onde está, sentir que nasce de um sem-querer,  
 às vezes de fortuito encontro de domésticas palavras  
 em coito inesperado, que gera sentidos novos e novos sons,  
 e não poder captá-la, nem à noite, nem à tarde, nem ao aberto dia,  
 nem acordado nem desacordado nas surdas tumbas do sono...  
 percebê-la, evasiva e arisca, esgueirando-se entre todos os vocábulos bons ou maus,  
 feios ou belos, da língua mais ilustre ou mais plebéia...  
 Tê-la doendo agudamente no sangue e vê-la, quando irrompe visível,  
 – idéia sem forma ou forma sem idéia –  
 reduzida a esta rala poesia, a esta nenhuma poesia sem surpresa e sem mistério,  
 a este coração nu, direto, elementar, irreversível...  
 (Oh, o íntimo cansaço da poesia equilibrada, consciente, silogística,  
 que nasce, cresce e se conclui como um teorema ou uma fórmula estatística...)  
 Sobre tudo ignorais, ignorareis (sois poetas!) a suada impotência  
 de não ser vossa aquela mão, esse ouvido, certo sortilégio, a ciência,  
 a antena, o acaso, o não-sei-qué divino, humano, aéreo,  
 que condensa e repete o poder de todas as filogêneses  
 e faz nascer numa folha de papel, entre vertiginosos traços,  
 a rosa, Júlio César, um sapo, a Virgem Mãe, uma estrela em pedaços,  
 um carbúnculo, esta salamandra, e a esfinge  
 – a esfinge que ontem, na estrada de Tebas, fitou em mim os seus olhos e me dissolveu.  
 Não sabeis, não sabereis jamais, como eu,  
 Quanto mata sentir que a poesia nascida da punhalada mais aguda é triste concha vã,  
 Sem nenhum eco de mar, e que para ela não existe amanhã.*  
 (1950)

A literatura, porém, cobra audácia. Aqui vão audaciosamente transformados num conjunto único e indivisível, os sonetos de Abgar Renault, somados a alguns poemas assinalados (\*), que não foram publicados na forma tradicional, mas que são considerados aquilo que o próprio Autor chamou de *sonetos excessivos*, porque dando o formato *visual* do soneto se verifica que é de fato um soneto. Enfim, num julgamento extremado, há quando muito um tratamento abusado: peca-se por excesso.

Esse pecar com prazer, porque ler a poesia de Abgar Renault jamais será *excessivo* – porque para o poeta o “*viver passou aqui: foi asa / e um dizer de pássaro remoto.*”

Salomão Rovedo  
 Rio de Janeiro, Cachambi,  
 Dezembro 2000 / outubro 2001.

Obs: Este é um trabalho de admiração, feito sem intenção comercial e sem pretensões literárias, dedicado aos admiradores do poeta Abgar Renault e estudiosos de poesia brasileira. Por isso mesmo não pode nem deve ser comercializado. (SR)

## OS SONETOS:

- |   |                                     |
|---|-------------------------------------|
| 01 - ALEGORIA                                   | 49 - PARÊNTESES                     |
| 02 - ENCANTAMENTO                               | 50 - SONETO DA ILUSÃO/II            |
| 03 - SONETO DO IMPOSSÍVEL                       | 51 - SONETO DA DESILUSÃO            |
| 04 - SONETO ROMÂNTICO                           | 52 - SONETO DAS PERGUNTAS           |
| 05 - HUMILDADE                                  | 53 - ABRIL                          |
| 06 - PÉRIPOLO                                   | 54 - SONETO BRANCO                  |
| 07 - SONETO DOS OLHOS                           | 55 - ÁPICE                          |
| 08 - FLOR (*)                                   | 56 - LETES                          |
| 09 - PAISAGEM                                   | 57 - IMPREGNAÇÃO                    |
| 10 - SONETO MELANCÓLICO                         | 58 - SAUDADE                        |
| 11 - SONETO DO EQUÍVOCO                         | 59 - PARA ESQUECER                  |
| 12 - MANHÃ                                      | 60 - ARCA DESPOJADA                 |
| 13 - CLARO E ESCURO                             | 61 - PERGUNTAS À NOITE              |
| 14 - DESESPERO                                  | 62 - CONSTRUÇÃO                     |
| 15 - CAMINHOS DO ESQUECIMENTO                   | 63 - SEM AMANHÃ                     |
| 16 - NÉVOA                                      | 64 - MITO TERRESTRE                 |
| 17 - VAI CHOVER                                 | 65 - ÚLTIMA E PRIMEIRA              |
| 18 - SONETO CATASTRÓFICO                        | 66 - MAIS DO QUE TUDO               |
| 19 - A TORRE E O POÇO                           | 67 - ÚLTIMA VIAGEM                  |
| 20 - SOB TEU SILÊNCIO                           | 68 - TEMPO E LUGAR                  |
| 21 - SONHO DE VERÃO DE UMA NOITE                | 69 - POENTE                         |
| 22 - ESQUECER E LEMBRAR                         | 70 - EPITÁFIO/II                    |
| 23 - TEMA ETERNO                                | 71 - SEPULCRO (*)                   |
| 24 - DE NINGUÉM                                 | 72 - RETRATO DE LETRAS              |
| 25 - EM VIAGEM                                  | 73 - SONETO PÓSTUMO                 |
| 26 - FIM (*)                                    | 74 - PERTO E LONGE DO ANO 2000      |
| 27 - NO VÉRTICE                                 | 75 - RESÍDUO                        |
| 28 - NO IMÓVEL DIA                              | 76 - <i>AD TE CLAMAMUS...</i>       |
| 29 - SOLIDÃO                                    | 77 - HERANÇA DE HOMEM               |
| 30 - SONETO AO POETA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE | 78 - A VIDA TEM UMA FACA NA MÃO (*) |
| 31 - SONETO DA INSÔNIA                          | 79 - SOBRE ESTE RIO                 |
| 32 - REGAÇO MATERNO                             | 80 - DESENCONTRO                    |
| 33 - TARDIA OFERENDA                            | 81 - LUZ/II                         |
| 34 - ENTARDECER                                 | 82 - DUAS ILHAS                     |
| 35 - SONETO ONÍRICO                             | 83 - <i>WE ARE SUCH STUFF...</i>    |
| 36 - ANTE UMA ESTÁTUA                           | 84 - <i>OMNIA FLUUNT</i>            |
| 37 - A PEDRO NAVA                               | 85 - HUMILDE ASPIRAÇÃO              |
| 38 - DELZO                                      | 86 - CAMINHO DA ESPERANÇA           |
| 39 - ESTRAMBOTE DO MORTO VIVO                   | 87 - VIDA/II                        |
| 40 - ELEGIA/I                                   | 88 - EPÍLOGO                        |
| 41 - SONETO DA ILUSÃO/I                         | 89 - CONDIÇÃO HUMANA                |
| 42 - PARA ALÉM DO CÉU                           | 90 - ANOITECER                      |
| 43 - ALTA NOITE/I                               | 91 - CONDIÇÃO HUMANA/IV             |
| 44 - SOB A ROCHA                                | 92 - NEM PORTA NEM FLOR             |
| 45 - BLACK-OUT (*)                              | 93 - ITINERÁRIO                     |
| 46 - FOZ  | 94 - FLECHA DE OURO                 |
| 47 ALTA NOITE/II                                | 95 - FATUM                          |
| 48 O EXCESSIVO SONETO                           | 96 TUDO É FRAQUEZA                  |
|   | 97 CONDIÇÃO HUMANA/V                |

De: “A princesa e o pegureiro”

*“À minha Ignez\* – coração sem mácula – esta resposta do meu coração agradecido.”*

\*Ignez Caldeira Brant, esposa de Abgar Renault

## 01 ALEGORIA

Em vão busco acender um diálogo contigo:  
a alma sem tom da tua boca de água e vento  
despede cinza, névoa e tempo no que digo,  
devolve ao chão o meu mais longo pensamento,

e entre cactos estira esse deserto ambíguo  
que vem da tua altura ao vale onde me ausento,  
procurando o teu verbo. O silêncio, investigo-o,  
e ouço o naufrágio, o vácuo e o depercimento.

Sonho: desces a mim de um céu de algas e rosas,  
falas às minhas mãos vozes vertiginosas,  
e palavras de flor no teu cabelo enastro.

Desperto: pairas ainda em silêncio e infinita:  
meu ser horizontal chora treva e medita  
tua distância, teu fulgor, teu ritmo de astro.

## 02 ENCANTAMENTO

Ante o deslumbramento do teu vulto  
sou ferido de atônita surpresa  
e vejo que uma auréola de beleza  
dissolve em lua a treva em que me oculto.

Estás em cada reza do meu culto,  
sonhas na minha lânguida tristeza,  
e, disperso por toda a natureza,  
paira o deslumbramento do teu vulto.

É tua vida a minha própria vida,  
e trago em mim tua alma adormecida...  
Mas, num mistério surdo que me assombra,

Tu és, às minhas mãos, fluida, fugace,  
como um sonho que nunca se sonhasse  
ou como a sombra vã de uma outra sombra...

## 03 SONETO DO IMPOSSÍVEL

Não ouvirás nem luz, nem sombra inquieta  
das sílabas que beijam tuas asas,  
nem a curva em que morre a ardente seta,  
nem tanta eternidade em horas rasas.

Não medirás a bêbada corola  
que abriste no final do meu sorriso,  
nem tocarás o mel que canta e rola  
na insônia sem estradas onde piso.

Não saberás o céu construído a fogo,  
que tua jovem chave cerra e empana,  
nem os braços de espuma em que me afogo.

Não verão os teus olhos quotidiana  
a minha morte de homem embebida  
no flanco de ouro e luar da tua vida.

## 04 SONETO ROMÂNTICO

São infância este amor e seu poder:  
na pedra que te vê olho uma rosa,  
onde não pisas ouço a murmurosa  
queixa dos sonhos que não podem ser;

vejo o teu gesto dar à noite o luar,  
conformar vida e morte, e um só momento  
dos teus lábios tornar célere ou lento  
o caminho do tempo; lanças no ar

os olhos, e repete-se a criação;  
do que desprezas faço a luz dos dias:  
roubo do chão cacos dos teus espelhos...

E os habitantes do meu coração  
vão navegando verdes geografias  
nos bergantins dos teus sapatos velhos.

## 05 HUMILDADE

Minha humildade de água me trouxera  
ao mais íntimo pó dos póis de ti  
e rira à desatada primavera  
os ouros e cristais que ela sorri.

Trajada de urze, barro, líquen e hera,  
ficara em desbotado e eterno aqui,  
marcando, à tinta de ar, pelo ar a espera  
de se entreabrirem tempestades e

silêncios para os lumes do teu passo.  
Modelara-me em terra ou limo crasso  
para ser teu desdém, objeto ou chão.

Vivera no final de relva e furna,  
tornara o coração ilha noturna,  
século, inverno a dormir o teu clarão.

## 06 PÉRIPLO

Sopraste a rocha, aluíste o parapeito,  
em tuas mãos o todo despenhou-se,  
como si de ar e espuma feito fosse  
para teu sonho e brinco e teu efeito,

e teu reinado súbito plantou-se,  
imensamente, num deserto estreito,  
cobrindo a areia morta de seu peito  
de azuis ovelhas e de trigo doce.

Teu poderio chove em ondas frias  
e em reversivo oceano se dilata.  
Parada, a mesma noite de ontem vela.

Cego caos, com seus seres e seus dias,  
prosegue, doendo, a silenciosa, abstrata  
circunavegação da tua estrela.

## 07 SONETO DOS OLHOS

Tu és teus olhos cúmplices e graves.  
Neles murmuram apagadas vozes,  
dormem o tacto dessas mãos velozes  
e o peso oculto de pejudas naves

cortando águas convulsas, antes suaves,  
cheias de malferidos albatrozes;  
e, entre chamas sem cor, passos ferozes,  
há uma flor soterrada a sete chaves.

São súbitos teus olhos como facas  
desembainhadas fulgurantemente  
nos avessos das tenebras opacas.

Atrás de suas pálpebras incertas  
tacteia cega luz um poço ardente,  
correm abismos, erguem-se florestas.

## 08 FLOR (\*)

A flor aberta no teu rosto  
abre na noite árida e surda  
uma paisagem de águas frescas,  
de tinhorões, avencas, murtas,

ovelhas límpidas e músicas;  
na vida velha, de sol posto,  
mortos jardins e faces secas  
faz circular seu vinho nítido,

que lábios e astros embebeda  
com seu clarão de um gosto híbrido,  
entre raiz e luz e fruto,

pungente mel, beijada seta.  
Eu quero a espada de um minuto  
do teu espinho, ó flor aberta.

## 09 PAISAGEM

Se acaso eu ainda (ou já) não existisse,  
teria o mesmo rosto essa paisagem,  
a mesma verde luz de meninice  
nos olhos de pretérito viagem.

Ver-me seria qual se me não visse:  
como se olhasse ausentemente a aragem,  
um beijo que nenhuma boca disse,  
grão de nada na sombra da folhagem.

São de silêncio e gelo as suas flores,  
têm os seus frutos a distância e as cores  
de céu que não chegou a amanhecer.

E eu sofro em mim todos os homens, quando  
ergo a minha alma lívida, cantando:  
Vê-la é belo (e mortal) como viver!

## 10 SONETO MELANCÓLICO

Quando o teu sol de luar de ti se esquece,  
e seus raios, ausentes, se consomem  
sobre o pesar, a nódoa, o abismo e a prece  
da minha obscura circunstância de homem;

ou quando a sombra do teu dedo cobre  
a minha estrada e a minha sede antigas,  
e o teu rumor lava o meu mundo pobre,  
com arco-íris, ovelhas e cantigas;

ou, no ar, a tua forma transeunte  
relâmpagos escreve, e frutos, e ondas,  
não sei o que suplique, nem pergunte,

e bebo o escuro do silêncio aberto,  
por temer, ó manhã, que me respondas  
tua escada de fogo e o meu deserto.

## 11 SONETO DO EQUÍVOCO

Como se eu fosse este ar que atravessaste,  
conservo em mim o rastro reticente  
de linhas de água, fogo, asa e serpente,  
composição de deus erguida em haste.

Como se fosse o rio que cruzaste,  
sonho uma barca de ouro transcendente,  
que me navega tempestuosamente  
com seus remos de música e contraste.

Como se fosse o espelho em que te viste,  
fende-se em minha sombra um cristal triste.  
(Flores e ninhos buscam tua mão.)

Como se fosse o deus a quem amasses,  
compreendo o fluido rosto de mil faces,  
do alto leio a raiz no último chão.

## 12 MANHÃ

Silenciosa manhã! A minha estrada,  
prevendo longe tanto céu desperto,  
acorda a linha dúbia do deserto  
e embarca na distância iluminada.

De entressonhar o teu fulgor tão perto,  
recompõe-se partida badalada  
e enganoso esplendor de tudo e nada  
ilude gasto calendário aberto.

O desejoso chão de águas chorosas,  
este ar, a cor de dúvida das rosas  
esperam com seu canto retardio

a chegada sem voz do teu minuto,  
teu sorrir, tua luz, teu verde fruto  
e o jamais do teu fúlgido navio.



## 13 CLARO E ESCURO

A lâmina da tua graça diurna  
falqueja sobre a noite mil imagens  
que vão enchendo perecível urna  
de pecúlios de brilhos e linguagens.

Aclaras este vácuo, o vento, e furna,  
os destinos das naus sem equipagens  
e vertes a parábola noturna  
do alfabeto das últimas folhagens.

Também a mim fulmineamente feres,  
e em meu escuro acendes, quando queres,  
a condição iluminar, que é tua;

tornas-me transeunte céu de rio,  
transpassado de altura e de teu frio,  
teu íntimo fulgor de espada e lua.

## 14 DESESPERO

Fulgura o luar, e lembra-me que existes:  
uma lança me fura lado a lado,  
e sinto-me deserto e embebedado  
das bebidas mais pálidas e ristes.

Doem o ar, o silêncio, a hora pendida  
– tal de invisível haste incerta rosa,  
e a paisagem copia, silenciosa,  
o avesso desta vida numa vida.

Fecho os túneis das noites e dos dias,  
neles me morro e enterro sem morrer.  
As gastas mãos de tudo estão vazias,

pesam os pés de pedra e a alma cadente,  
enchem-se os olhos lancinantemente  
da cegueira mortal de não te ver.

## 15 CAMINHOS DO ESQUECIMENTO

Tenho temor das cousas mais distantes  
e das cousas mais próximas de ti;  
hoje, amanhã e todos os instantes,  
o céu, o chão, o sol, a flor, o aqui.

Perecem os teus gestos e semblantes  
entre os que perderei e o que perdi;  
não aprendo teus olhos viajantes,  
e é mel de fel que neles vejo e vi.

És tempo e todas: não serás nenhuma  
nas minhas mãos que vazam; sou um lado  
apenas da tua hora de ouro e espuma:

sorrires ou ficares ou não seres,  
dares-me aquele goivo ou teu reinado  
são futuros sem fim de me esqueceres.

## 16 NÉVOA

Este som, esta cor, estas areias;  
as curvas do horizonte, seio e rio;  
tantos mármore, músicas e aldeias;  
o azeite, o vinho, o pão; calor e frio;

as estradas, os ninhos, as colméias  
e a luz; o olhar no sonho do navio  
que vai sonhando as horas e as sereias,  
e rasga espumas, ventos e o vazio,

– tudo se apaga em névoa de pobreza;  
sopram frautas distâncias e tristezas  
perdendo altura montes, aves, sólios;

vacila o dia e fecha-se a paisagem:  
em céu e terra cumprem sua viagem  
corpo e sombra da ausência dos teus olhos.

## 17 VAI CHOVER

Já vai chover, e eu vou estar mais triste.  
 Chuva é distância: esfuma, apaga, esconde.  
 Doerei por não saber se ainda existe  
 o verde luar e sonha um quando e um onde.

(É talvez mais mortal haver sorrido  
 que ter chorado: talvez guarde a boca  
 sombras que os olhos já terão perdido...)  
 Sinto distância em mim. A vida é oca,

e dentro dela chovo, transbordando,  
 minha cinza, meu longe, estes em que ando  
 restos de sons e faces de arrebol;

e vejo entre submissa névoa e vento  
 reabris-se em curva de ouro o pensamento  
 das horas que moraram no teu sol.

## 18 SONETO CATASTRÓFICO

Caminha a deusa, e estala o mundo ao peso  
 da sua subversiva formosura:  
 desmancham-se astros, tombam céus, e a altura  
 rui a um distante olhar do seu desprezo;

curvam-se flores e recuam rios,  
 murcham pássaros, sonhos, pensamentos;  
 ergue-se o chão, jazem os pés dos ventos,  
 e corações, centauros e navios

tremem nos ares trêmulos... Os sólios  
 desabam, e das órbitas os olhos  
 disparam como setas incendidas;

enoitecem as mãos, fendem-se as frentes,  
 transbordam os socavões dos horizontes  
 de naufrágios, fogueiras e suicidas.

## 19 A TORRE E O POÇO

De pensar-te, pensou meu pensamento  
rosas de gelo sobre hastes de neve,  
pálidos mundos, mar e estrela ao vento,  
formas de chuva caminhando leve

e sepultando a luz de um firmamento;  
ardentes fontes a murchar a breve  
olhar e gesto, tristeza de fragmento  
que a solidão sobre o silêncio escreve.

Pensou meu pensamento, de pensar-te,  
pensamentos sem letras, estandarte  
de abismo e incêndio, a viagem e o destroço

de mãos de luar que despertavam vidas,  
vinhos sem lábios, jóias malferidas,  
diálogo esquivo entre uma torre e um poço.

## 20 SOB TEU SILÊNCIO

Não me doeria ser o teu ditado,  
e só pelos teus olhos tudo ter;  
sob teus pés sentir-me derramado  
como seu chão de afeto e de prazer;

ser em teu sonho gesto de passado,  
buscar teu sol e lua e dissolver-  
me, pelo seu excesso fulminado;  
ser fragmento da sombra do teu ser:

ainda formas de luz inventaria,  
frutos no céu, manhãs na ramaria,  
montanhas de ouro, lira à flor do mar,

se o sim nem não, sem letras e sem boca,  
em que te enterras não me fosse a oca  
morte onde murcho e cevo a dor de amar.

## 21 SONHO DE VERÃO DE UMA NOITE

Se eu encontrasse o til de uma intenção  
em resto de unha tua ou num só fio  
solto dos teus cabelos, meu vazio  
fluíra em ouro sobre a tua mão,

pusera chama a fria imensidão  
do teu reinado e mar fizera o esguio  
sonho de águas em que arfa o teu navio,  
entre âncoras e velas de evasão,

sob a avidez da carga prisioneira;  
do fundo dos teus olhos sem desígnios  
surgira a grave noite que tu és;

esquecerias a última fronteira  
e atirarias aos meus lagos ígneos  
o universo que sobe dos teus pés.

## 22 ESQUECER E LEMBRAR

Esqueço tudo que lembrar devia  
porque te li e lembro esta leitura:  
pés, braços, pernas (quase tu); o dia  
nas mãos; a luz da voz; a prematura

sombra no olhar imenso; a ausência fria  
que não disfarça vida em sepultura;  
a fronte grave; o andar que arrasta e guia  
os homens; o verão sob a frescura

do corpo cheio de manhãs; os dentes  
rindo brancos na curva contagiosa;  
o torso e o ventre sob a mesma lei

do teu clima de mar; teus continentes;  
o céu fechado e, nele, a lira e a rosa,  
reino surdo, sem cetro e mão de rei.

## 23 TEMA ETERNO

Amar-vos sem sonhar breve esperança  
de na fuga dos dias vos reter  
– eis, Dama, cujo desamor não cansa,  
meu cego modo natural de ser.

Dobrado à vossa face de esquivança,  
volvendo acre pesar em vão prazer,  
de si não tem nenhuma segurança  
quem vos quer sem querer e por querer.

Sou afligido barco de naufrágios,  
cheio de estrelas, de corais e rosas;  
deste impossível no impassível mar

soçobrarei, levando estes presságios,  
esta carga, estas velas já saudosas  
da loucura do inútil navegar.

## 24 DE NINGUÉM

São do olhar (de mais nada de ninguém)  
a luva ardente e a rosa abandonadas;  
a solidão dos braços com braçadas  
de áspides, de papoulas e de além;

e, esquecida de quando, o que e quem,  
a forma de sozinhas alvoradas,  
com luzes para todas as estradas  
e as mesmas bordas que o infinito tem.

Não terás, minha mão, a solta luva,  
nem fecharei em mim a nua rosa;  
dos braços sem abraços não verei

as curvas de ouro e de ouro em minha curva,  
– e atiro mágoa e vida à boca ansiosa  
cujo silêncio não conhecerei.

De: “A outra face da lua”

*“À memória de meus pais”*

## 25 EM VIAGEM

Montanhas, vales, céus – tudo nevoento.  
Toda a paisagem num burel de bruma,  
que ora se adensa, ora se esgarça e esfuma,  
e é um bocejo de tédio e desalento.

Planície aqui; além surge e se apruma  
o cabeço de um monte. Agora, lento,  
um rio serpenteia e, sem intento,  
despenha, ao longe, vórtices de espuma.

Desperta, enfim, minh'alma adormecida,  
numa ânsia intensa de emoções estranhas...  
A dor é um triste aceno que me convida...

Saudade minha! és tu que me acompanhas,  
através da tristeza indefinida  
destes céus, destes vales e montanhas.  
(12.2.20)

## 26 FIM (\*)

O que eu perdi não foi um sonho bom,  
não foi o fruto a embebedar maus lábios,  
não foi uma canção de raro som,  
nem a graça de alguns momentos sábios.

O que eu perdi, como quem perde uma outra infância,  
foi o sentido do enternecimento,  
foi a felicidade da ignorância, foi, em verdade,  
na minha carne e no meu pensamento,  
a última rubra flor do fim da mocidade.

E dói – não esse gesto ausente, a que se apagam  
as flores mais solares, mas uma hora,  
– flor de momento numa breve aurora –

hora longínqua, esquiva e para sempre morta,  
em cuja escura, inacessível porta  
noturnos olhos cegamente vagam.

## 27 NO VÉRTICE

No vértice de nunca e sempre, o ouvido  
desconhece a surdez do lusco-fusco  
e não compreende os pássaros do olvido  
que compõem de ausências o crepúscu-

lo; formas, regressando do finito,  
despem a pele de invernia e luto,  
e ergue-se em prata a voz de morto mito;  
chegam em carros de rodas de um minuto

pensamentos de fruto, rosas, face,  
que em torno da lareira de ontem se amam;  
a sombra acende-se; outro verde nasce;

e fábulas e sóis, em convivência,  
dentro de adormecido olhar derramam  
novas letras de sonho e de existência.

## 28 NO IMÓVEL DIA

Um malfingido sol o céu ilude:  
pensamentos de nova madrugada  
à terra lançam outra juventude;  
junto aos degraus de repentina escada

o morto mapa indica a longitude,  
o caminho do após, a fria enseada  
e a quilha ardente ao largo naufragada,  
e sobre a estrela a rocha do talude.

Doem nos ares lâminas de lanças.  
Chorasas mãos libertam esperanças:  
esvaídos astros de melancolia

nascem do poço e silenciosamente  
acompanham o som de luz ausente  
dentro da solidão do imóvel dia.



## 29 SOLIDÃO

O rio se entristece sob a ponte.  
 Substância de homem na torrente escura  
 flui, enternecimento ou desventura,  
 misturada ao crepúsculo bifronte.

Antes que débil lume além desponte,  
 a sombra, que se apressa, desfigura  
 e apaga o casario em sua alvura  
 e a curva esquiva e sábia do horizonte.

Os bois fecham nos olhos os arados,  
 o pasto, a hora que tomba das subidas.  
 Dorme o ocaso, pastor, entre as ovelhas.

Sobem névoas dos vales fatigados  
 e das árvores já enoitecidas  
 pendem silêncios como folhas velhas.  
 (29.12.51)

## 30 SONETO AO POETA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Amo-te o engenho subversivo e grave,  
 que levedou seu próprio pão de vida  
 e nele talha a forma apetecida:  
 tarde de chuva, sol, sal, pouso de ave.

Amo-te o verbo extremo de suicida,  
 essa implícita música sem clave,  
 pélagos no recôncavo da nave:  
 tua poesia isenta e acontecida.

Amo-te a destra, que nos ares lança,  
 de dentro da tua arca a nua herança:  
 os teus conflitos de esplendor e bruma,

teus peixes, teus demônios, tua ordem,  
 – claros enigmas que no tempo acordem  
 teu cosmos e teu caos de pedra e espuma.

## 31 SONETO DA INSÔNIA

Um emergente vértice resiste.  
 Sua luz contagia a escuridão  
 onde os teus olhos se consumirão  
 reconstruindo o silêncio onde subsiste

a furna de que, um dia, tu partiste.  
 Com tua carga de fulguração,  
 viajas a treva, e uma conflagração  
 te arrasta ao mesmo cais aceso e triste.

Quando derivas, lusco e fusco, à borda,  
 diálogos cindem queda e evanescência,  
 o desfazer se esfaz em refazer.

No combate que incende a noite e a acorda,  
 não terás teu quinhão de morte e ausência  
 e és improvável como o amanhecer.  
 (4.2.52)

## 32 REGAÇO MATERNO

No céu de chão, de chumbo e de ferrugem  
 uma água flébil longamente nasce;  
 em fundas furnas cavas tubas rugem;  
 súbitos riscos recompõem a face

da ausência e o seu olhar de antigüidade.  
 As portas e as janelas estão nuas  
 e, além, o vulto opaco da cidade  
 navega as praças, os jardins e as ruas.

A erma chuva, distância solta e pura  
 que chove sobre o exílio de água e treva,  
 retoma e restitui: numa vertigem,

atrás da irreparável espessura,  
 corre uma infância... o medo a acolhe e leva  
 de volta ao golfo unânime da origem.  
 (29.3.52)

## 33 TARDIA OFERENDA

Daria as praias do meu pensamento,  
seus campos, suas noites e cidades;  
dera também meus remos e verdades  
e meus sinais de chão e firmamento;

meus morreres anônimos, meu lento  
desancorar de antigas mocidades,  
meus sinos cheios de descobrimento;

dera o meu sono, o meu olhar deserto  
(tão novo sob as pálpebras da vida!),  
o triste peito, o abismo e os seus desvãos,

estes rosais do último céu desperto,  
o derradeiro trigo, e umedecida  
sombra nas minhas despojadas mãos.  
(19.8.52)

## 34 ENTARDECER

A Luíza Sabino Schwarz

Sofro a tarde que murcha escuramente  
(é de dentro de mim que ela me foge)  
e temo seja o pobre dia de hoje  
um derradeiro fruto sem semente.

O céu sem céu e a terra mal acesa  
derramam sobre as máscaras tardias  
dos homens e das suas alegrias  
a naturalidade da tristeza.

Dos teus confins, ó tarde envelhecida,  
irreparavelmente acena a vida  
frio lenço de aquém e de jamais,

desliza no silêncio em que navegas  
e enche com o seu respiro as velas cegas  
da absurda nau de treva em que te vais.

## 35 SONETO ONÍRICO

No rumo do corrupto firmamento  
 a chuva chove a sua chuva inata  
 e o cavalo de som de negro vento  
 verticalmente voa e se arrebatada.

Entra a palavra azul num pensamento,  
 e um silêncio de vozes se desata;  
 crescem mares no tanque do momento,  
 surge de cada canto uma cascata.

Sombras intersexuais desfilam nuas,  
 carregando verônicas de luas  
 nas caprichosas mãos de lírios e árias.

Prados viúvos se vestem de namoro  
 e abrem as flores guarda-chuvas de ouro  
 sob o sol das piscinas planetárias.  
 (1952)

## 36 ANTE UMA ESTÁTUA

Teu silêncio de mármore gelado  
 somente mármore de gelo encerra,  
 sem presente, futuro, nem passado,  
 e o teu gesto sem dom chama – e desterra.

É alheio esse ar de sonho: foi buscado  
 à alva distância de neblina que erra  
 entre as águas feridas no relvado  
 e o tom de lua imóvel sobre a terra.

É tão ausente teu olhar vazio,  
 que não sabem teus olhos se este rio  
 que vês é o rio que com eles olhas.

Triste vôo anoitece a terra baça:  
 por tua neve e por teu gelo passa,  
 tal silêncio de sombras entre folhas.  
 (29.3.53)

## 37 A PEDRO NAVA

Para Nieta (*viúva de Pedro Nava*)

Ó caudaloso Nava, que fizeste  
do fino fio flébil desta vida?  
Quem desvestiu assim a tua veste?  
Quem desfez tua fronte maldormida?

Que raio armou a tua mão perdida  
para abrir o caminho fundo e agreste  
da sem retorno pálida partida,  
sem sul, sem norte, sem oeste ou leste?

Mil vozes clamam pela tua volta,  
novamente a pedir o vasto rio  
do teu verbo; mas que alta e nova ciência,

que portão, que janela sem escolta  
traduzirão ao teu ouvido frio  
o estandarte de dor da tua ausência?  
(14.5.84)

## 38 DELZO

A Vera (*Vera Brant*)

Não conheceste aquilo que roía  
o teu físico ser fundamental  
e não soubeste nunca eu a alegria  
do teu riso era feita só de cal.

Teu olhar não chorava, nem sorria,  
e guardavas do teu oculto mal  
uma ambígua expressão, ardente e fria,  
em que se misturavam fel e sal.

A lembrança de ti é claridade  
onde paira uma nuvem de hora em hora  
e escuridão que entre estrelas flui.

Tenho sempre de ti erma saudade,  
mas tenho ainda mais saudade agora  
de um irmão que eu quis ser e nunca fui.  
(5.3.88)

De: “A lápide sob a lua”

*Tombo, senhor, submisso, mas inconformado na desesperança  
e não te reconheço na cruel desnecessidade da tua lança.*

### 39 ESTRAMBOTE DO MORTO VIVO

Ah! de todas as vezes que morri  
sempre restou a máscara e uma pétala,  
e fingi o meu som de vida viva,  
e pude arder sobre raízes frias.

Agora, morro derradeiramente:  
não ficou dos pretextos de ficar  
nem vago fio ou sombra ou voz ou letra,  
e escuto sobre o túnel, sob a treva,

cair o solo e o seu silêncio turvo:  
não tenho olhar, nem frente, nem perfil,  
e aço de espelho algum me refletira.

Quem destruiu a luz e no seu vácuo,  
fora do céu, deixou, por só lembrança,  
minuto mutilado antes do vôo,

viúvo gesto de gelo em mãos de goivo?

### 40 ELEGIA

Cada momento do meu coração  
bebe a memória do teu morto nome,  
e este meu resto, em fuga, se consome  
entre musgos de cinza e escuridão;

nem a memória só do morto nome,  
mas o calado rosto, a inútil mão,  
a voz, o peito, a prematura fome  
de vida no menino (e homem) de então.

Meu lembrar-te, buscando-te sem onde,  
caminha, e amargamente sobe a rua  
e o seu silêncio pálido de cal.

Sobe, e deixa, na pedra que te esconde,  
entre apagada flor e antiga lua,  
póstumo olhar sem tempo, de água e sal.

De: “Cristal refratário”

*A Clara e Caio Márcio, Rosa Alice e Luiz Roberto, e a meus netos.*

#### 41 SONETO DA ILUSÃO/I

Aberto o dia, incalculável rosa  
compõe um infinito itinerário,  
linha que se insinua, insidiosa,  
por chão, por água e horizonte vários.

As frutas do universo involuntário  
entornam a paisagem minuciosa,  
e, rompido um cristal, do ouro do aquário  
voam peixes de música ondulosa.

Súbita noite alaga o olhar da aurora;  
as memórias conversam cinza e pomo,  
começa a terra em cada mão ferida,

e âncoras doem na raiz de outrora,  
pálidas quilhas vão cismando como  
no longo mar do tempo é curta a vida.  
(12-15.1.52)

#### 42 PARA ALÉM DO CÉU

Teu dúbio ardor de lâmina de espada  
caminha em nós e dói gratuitamente  
nesta pobreza de almas escarpadas,  
e seus golpes sepulta em nossa mente,

e planta em cada mão uma semente  
de abismos, cores, números e nada,  
e abre em fitas de sóis altas estradas  
em que baixam do céu circunferente

as tuas perspectivas de destino;  
solta cisnes e pombos de tristeza,  
e seca o vinho de mordidas uvas,

e esconde os teus escassos violinos  
de crepúsculo e tácitas certezas  
numa dilacerada voz de chuva.  
(23.7.52)

#### 43 ALTA NOITE/I

A pálpebra espia,  
atrás de um olhar,  
a noite baldia  
de morto lugar.

É noite este dia,  
é vulto polar  
a luz alvadia  
de espuma do mar.

Dorme seca lua  
em íntima rua  
parada a pensar.

Sem olhos que contem,  
traspassada de ontem,  
a hora expira no ar.  
(25.7.52)

#### 44 SOB A ROCHA

Não rascarás no tímido cristal  
a sombra de um olhar ou voz ou dedo;  
não será devolvido o teu segredo,  
nem teu céu, nem a flor de mel e sal

nascida no silêncio mineral  
da tua noite de água e de penedo,  
– vida que se buscou tão tarde e cedo  
na luz do espelho sobrenatural.

O teu rosto, se próximo, escurece  
a verde limpidez lunar que desce,  
e o teu gesto de posse é velha mão

que sob a rocha tácita sepulta  
restos e erros de sol, a concha oculta,  
pensamentos de cal, de chuva e não.  
(9.2.53)



## 45 BLACK-OUT (\*)

Trouxe-o um silvo, um silvo o leva.  
 Veio; voltou de repente,  
 o céu está claro agora,  
 e o azul na luz se refaz.

Mas uma incansável treva,  
 crua, infatigavelmente,  
 dia a dentro, noite em fora,  
 come estrelas, sóis e luas,

lâmpadas, bicos de gás,  
 lampiões, candeias e velas  
 nas avenidas, nas ruas,

nas praças, becos e vielas  
 e nos longos olhos fundos  
 deste mundo e de outros mundos.

## 46 FOZ

*(Ante um quadro)*

Tua sozinha, horizontal nudez  
 pudera encher os dias e o deserto,  
 tingir da sua luz o longe e o perto  
 e a corola da vida abrir em três.

Forma e cores do seu terrível mundo  
 acenderiam olhos dentro do ar,  
 e sobre as dimensões do seu arfar  
 viajaria de Deus o dom profundo.

Sumo de morte arredondara frutos  
 e divagantes rios, em confluência,  
 se anunciariam, lestos, sobre a foz:

serpentes, torres, máscaras e lutos  
 rolariam no vórtice de insciência,  
 íntimos como boca, língua e voz.

## 47 ALTA NOITE/II

Quantos beijos ou passos ou minutos  
 restarão entre ti e os teus ponteiros?  
 E eu deles farão dedos astutos,  
 ansiosa boca, pés que andam certos?

Das tuas nuvens quem serão herdeiros?  
 No arco-íris entre relva e ouro dos frutos  
 quem pascerà seus olhos forasteiros?  
 Terra, folhas e líquens já corruptos

será teu corpo em férias, neutro o sexo,  
 e desmanchado o involuntário nexos  
 da insciente máquina de ser e amar.

E que se tornarão teu magro riso,  
 teu som de sombra, tanto doer sem viso,  
 suja tristeza de promíscuo mar?

## 48 O EXCESSIVO SONETO

*(A uma estátua vestida)*

Não é por seres Tu que és misteriosa:  
 és misteriosa por estares lua  
 num vestir que entre *não* e *mas* flutua  
 e recusares a palavra Rosa,

que escrevo em pauta quase vaporosa  
 para rogar-Te, não que fiques nua,  
 mas que sejas como és quando és só tua,  
 quando de Ti és vista como a Rosa

sozinha vista por seus olhos pálidos,  
 fundos, perdidos entre as alvas pétalas,  
 que as intenções traduzem de mil ávidos  
 dedos de homem sonhando a sua pele.

És misteriosa (ou tal Amor Te faz)  
 por serem teus silêncios hectoédricos  
 cristais de mudos alfabetos. Mas,

se ao menos nem eu me soubera ser,  
 embora em duplos ditos esotéricos,  
 fora sem véu de nada o meu Te ver.  
 (16.1.76)

De: “Íntimo poço”

*A Dario de Almeida Magalhães*

49 PARÊNTESES

(Mas quatrocentos anos de te doeres  
 não te dariam fruto nem coroa,  
 nem pó sutil dos pés do ser dos seres  
 ou folha da floresta onde ele voa.

Abrires-te ou fechares-te ou romperes  
 o frio céu, que as vidas afeiçoa,  
 não movera pesares, nem prazeres  
 na estrela, esfinge, pássaro, leoa.

Há infinitos pela estrada morta  
 entre os olhos e o olhar, e a oclusa porta  
 é um pensamento de deserto e vento.

Há um pêndulo parando de cansaço,  
 uma espiral que tenta o esquivo espaço  
 e, antes do chão, este esvaecimento.)

50 SONETO DA ILUSÃO/II

É em teu bastão de lua que apoiamos  
 o nosso passo obscuro; é com o teu dia  
 de céu e arco-íris soltos que pintamos  
 a nossa palha e a nossa estrela esguia.

Secas as esmeraldas dos teus ramos,  
 fica mais gelo a neve, a rosa esfria,  
 fogem as casas de ouro que habitamos,  
 e em nosso espelho um afogado espia.

Perto nasce tanto caminho jovem;  
 em nossos olhos velhas chuvas chovem  
 a sua espuma de horas, que o sombreia.

Murcha-se o nosso território arisco,  
 e choramos a flor azul e o risco  
 de sonho dos teus pés em nossa areia.

## 51 SONETO DA DESILUSÃO

Soprei aquele espelho tristemente  
 e enterneci meus olhos sobre o chão.  
 Sou um regresso, e no meu corpo e mente  
 noites, ontens e musgos confluirão.

Retardias cidades na vertente  
 fecharam o seu vulto e o seu clarão,  
 quando, osso e carne da distância ausente,  
 eu e eu a sós batemos no portão.

Estas raízes olho com rumo:  
 dentro de seus exílios me consumo,  
 e sou o meu convívio vertical.

Desfaz-se em chuva o arco-íris desta vida,  
 e na espuma da auréola perecida  
 dissolvo o som, a flor e a estrela em sal.  
 (26.1.52)

## 52 SONETO DAS PERGUNTAS

Por que uma vária vela vento em fora  
 me arrasta para além daquela curva,  
 e esta âncora, revendo atrás e aurora,  
 prende meu lenho sob uma água turva?

Quando eu não for, como será o mundo?  
 Houvera o mesmo chão, se eu não houvesse?  
 A reta mão não toca o céu profundo;  
 como o tocara a voz de oblíqua prece?

Por que sou mais mortal e mais ausente  
 na distância fechada à minha frente?  
 Quem me esvaziou de mim, de hoje e de aqui?

Entre que relva, em que porão nefando  
 ou absurda cisterna está vagando  
 aquele que já fui – e que perdi?  
 (9.2.52)

## 53 ABRIL

Despeço-me de mim, meus olhos sigo,  
 de um sino vejo despenhar-se a aurora.  
 Ó verde escoar de luz! Regresso antigo!  
 Ó sons de abril! Ó eu em mim de outrora!

Já não sou mais meu diálogo comigo:  
 rútila forma aqui converso agora,  
 e descartando as fábulas que digo  
 os pés lhe escuto sobre a areia da hora.

Brincam frutos azuis e sóis e crianças  
 dentro do vale vivo no ar suspenso.  
 Ó reformulação da vida! Ó cor!

Ó morta mão de névoas que hoje lanças  
 a curva no horizonte no meu lenço  
 e ao fundo deste espelho a única flor!  
 (16.4.52)

## 54 SONETO BRANCO

Que importa esta cidade de cimento,  
 com seus ombros e pulsos de aço e ferro?  
 Que importa este ar fendido de asas bruscas,  
 perfurado de fios e de gritos?

E a fulminante flor de fogo e fumo,  
 que emerge da matéria dividida?  
 E as escarpadas casas sem aurora?  
 E as ruas derretidas sob as rodas?

– Cego por intenção, ó vago Nume,  
 vejo apenas, no mundo ensurdecido  
 por homens e por máquinas sem sonho,

o invisível escoar do teu silêncio,  
 nele confluio, fugitivo, e afundo  
 meu reino transeunte e meu exílio.  
 (19.4.52)

## 55 ÁPICE

Vai murchando sob mim relva de sonho  
 que se insinuava às bordas do futuro.  
 Vívido e despojado, eu me deponho  
 aos pés desta hora, e em água o olhar apuro.

Rio de névoas a refluir tristonho,  
 não me usei: entornei-me em lago escuro;  
 agora, em mim de mim me decomponho  
 e a degredos e elipses me misturo.

Do côncavo da curva sem reflexos,  
 leio a rampa de seixos desconexos,  
 a máscara sem rosto, a eternidade

atrás do dia, onde fiquei finito:  
 solo, corpo, alma, silencioso grito  
 da minha erma naturalidade.

(25.4.52)

## 56 LETES

Pelas horas de ausência e de deserto  
 em que durmo esta vida onde me gasto,  
 outra mão, que com o meu dormir desperto,  
 vai acordar o tenebroso pasto

de que se nutre o poço em mim aberto;  
 então, sou mil, sou fel, sou vinho casto,  
 e da minha unidade me liberto,  
 e – asa de éter – além de mim me afasto.

Indago abismos, lúcidas alturas  
 leio, cravos acendo em lajes frias,  
 freqüento-me nas praias do arrebol,

reconstruo em meu corpo arquiteturas,  
 naturezas, e músicas, e dias  
 de um país exilado atrás do sol.

(7-8.6.52)

## 57 IMPREGNAÇÃO

Sulca a noite a floresta que me habita,  
despenhadeiros lança em meu cansaço;  
guardo em mim sua treva e o gesto baço  
de morte que em meus olhos se exercita.

Sou confluência do dia; ele me impele,  
e no seu vinho fulgural mergulho.  
Escuto em mim pelágico marulho,  
às ondas passo o ardor da minha pele.

De tudo me impregnei, e tudo esconde  
a minha nódoa e ao meu olhar responde.  
Tudo é tão eu na vida além ou perto,

que voltarei sem mim ao outro lado  
e deixarei no mundo desmanchado  
minha cósmica essência de deserto.  
(12.6.52)

## 58 SAUDADE

Nada te guardará: tudo, mas tudo,  
das mãos que amaste aos mais ocultos poços,  
esquecerá o doído conteúdo  
dos gestos do teu luar e dos teus ossos.

Talvez nem mesmo tu conserves grupo  
da tua areia em pessoal memória  
com linha, som ou passo do teu rumo,  
sombra de letra da deserta história.

Mas uma transcendência comovida,  
que o barro do homem já desfeito encerra,  
flutuará, do teu sono, sobre o prado,

e o Abril que, então, acaso inunde a vida  
ferirá o teu último telhado  
e, azul, doerá no teu olhar de terra.  
(19.6.52)

## 59 PARA ESQUECER

Para esquecer as nuvens cor de fruto,  
o acenar do crepúsculo absoluto  
e este ficar-me em restos retardios,  
a minha sombra escrevo entre dois rios.

Cada minuto é o último minuto,  
e com meus olhos e meus dedos luto,  
e de cegueira teço ávidos fios  
sobre pêndulos, pedras, poços frios.

A vida cabe em minha boca ardente,  
e eu a soletro, em fuga, no acidente  
de disparadas linhas. E o que existe,

o que de meu mais fundo mim afogo [em?]  
sob a ilusão de verbo, rosa e fogo  
é engano, rastro e som de um homem triste.  
(1-4.10.52)

## 60 ARCA DESPOJADA

Não tens nosso versátil acidente  
sob o teu golpe e tua eternidade:  
um e todos saqueias fundamente  
dentro dos teus subúrbios sem cidade,

mas outra – não a tua extremidade –,  
nossa alma antiga, infante, adolescente  
com rosto e sol de amor circunda e invade  
e faz de nós seu dócil continente.

Antes da tua uma outra mão existe:  
tem o gosto de ti seu gládio triste  
que fere cores, ares e espessuras;

e encontras já vazia a flébil arca,  
e já destruída a construção amarga,  
sem Dom nossas amargas estaturas.  
(23.10.52)



## 61 PERGUNTAS À NOITE

Quantos beijos ou passos ou minutos  
 restarão entre ti e os teus ponteiros?  
 E que deles farão os dedos astutos,  
 ansiosa boca, pés que andam certos?

Das tuas nuvens quem serão herdeiros?  
 No arco-íris entre relva e ouro dos frutos  
 quem pascerà os olhos forasteiros?  
 Terra, folhas e líquens já corruptos

será teu corpo em férias, neutro o sexo  
 e desmanchado o involuntário nexos  
 da insciente máquina de ser e amar.  
 E que se tornarão teu magro riso,  
 teu som de sombra, tanto doer sem viso,  
 suja tristeza de promíscuo mar?  
 (2.11.52)

## 62 CONSTRUÇÃO

Sou de mim o incontável arquiteto:  
 da matéria de heterogêneo espaço  
 portas, paredes e alicerces faço,  
 de tudo e nada crio torre e teto.

Com carne, sonho, penas, cal, projeto  
 meu fazer-me, pedaço por pedaço,  
 e inscrevo nas colunas deste paço  
 as flores do meu íntimo alfabeto.

Aumento-me na sombra, e com o destroço  
 de cada dia nutro o meu emboço,  
 pintando-o de altas águas em recuo.

As horas bebo, iludo vale e cimo;  
 de pedras tristes e de amargo limo  
 (dôo e) postumamente me construo.  
 (20-21.1.54)

## 63 SEM AMANHÃ

Teu arrependimento de viver  
 – não ter vivido – ascende do teu poço  
 e, haste de treva, choro e vão querer,  
 abre-se em luar sem uso e de destroço.

Entre nomes e números em ser,  
 arisco solo ante teus passos foge,  
 e cairás no não mais acontecer,  
 sem amanhã, sem ontem e sem hoje:

não fecharás a tua outrora mão;  
 sem seus mil donos e nenhuma servas,  
 não mais te saberá teu coração,

nem teus olhos de vácuo vertical  
 traduzirão, por entre pautas de ervas,  
 o teu resto de nunca, escrito em cal.  
 (4.11.54)

## 64 MITO TERRESTRE

Sob estrelas de pedra em céus de amianto,  
 circundado de gelos e de um grito,  
 ele incende meu sono e meu espanto  
 e ergue a minha corola de infinito,

sem traduzir o cântico sem canto  
 que sangra em minha voz por não ser dito;  
 tem a pele de opala, opala e acanto,  
 é de terra, fulgura e existe – o mito.

Existe, e dói. E se há verdade, é a sua,  
 que escorre do seu corpo como lua  
 e enche de ser a minha alegoria.

A sua mão detém o meu planeta;  
 E, entre a chuva que em horas se projeta,  
 No vértice da noite se abre um dia.  
 (11.1.55)

## 65 ÚLTIMA E PRIMEIRA

Que estrangeiro país é o firmamento  
de que és som, cópia e exílio antes de o ter  
sequer tocado o verde pensamento  
feito imaginação de voar e ser?

Que búzios de crepúsculo e de vento  
te lançam este lívido dizer  
inscrito na distância do momento  
pela mão do esperar e do morrer?

Que dúbio gesto cria, nutre e mata  
arco-íris e universos em fogueira,  
e em mil esquivas gotas se desata?

– Ou proceloso acaso em teu olhar,  
ou névoa ou Deus, – a tua derradeira  
e primeira manhã flutua no ar.

## 66 MAIS DO QUE TUDO

Mais do que tudo quanto não terei  
dói o que em mim não mais será colhido,  
e não será de lábio, mão, ouvido  
nem me dará de novo a quem me dei

sem rosa, sem palavra, sem olhar,  
mas enchendo do mesmo roxo intuito  
cada momento do meu ser gratuito,  
que se descanta em pedra e voz de mar.

Choram colmeias, nácares e fontes,  
ouros viúvos e sons e astros bifrontes  
dentro de urnas de sono e de erosão.

Verbo e flor entrelaçam-se morrendo,  
bêbedo vinho vai esmorecendo,  
fecha a vida o seu último portão.

De: “Thanatos”

*A Affonso Henrique Tamm Renault*

## 67 ÚLTIMA VIAGEM

Um dia, nada mais terá regresso,  
nem resposta, nem eco; e punho e paz,  
amor beijado em carne ou inexpresso  
serão iguais, e não suspeitarás.

Um dia, ainda serás somente excesso,  
em alma e corpo excesso, e apagarás  
e clara vida; e o mundo, então egresso  
dos instantes de ti, sob, ou detrás,

ou dentro do teu gesto suspirado,  
será também desfeito e desnudado,  
e morrerá no fim da origem que és.

Não voltará, na elíptica derrota  
junto a rostos vazios, a remota,  
a funda marcha dos teus juntos pés.  
(16.4.52)

## 68 TEMPO E LUGAR

Não mais importa onde,  
só o que importa é quando:  
vai-se o espaço alongando,  
mas o tempo se esconde.

Suba pedido ou mando,  
na mais copiosa fronde  
nem um fruto responde  
à hora que está murchando.

Sombra no chão, a vida,  
adiada e arrependida,  
neste chão entrará.

No quadrante absoluto  
(viagem, asa, minuto)  
mais nada é, nem será.  
(11.8.52)

## 69 POENTE

Bem no fundo da rua o céu acaba em fogo.  
 Se eu andasse até lá, minha mão tocaria  
 o sol, como o tocava em antigo outro dia,  
 quando era a vida uma pequena rua e um jogo

de luzes fáceis manejadas por ninguém.  
 (Ah! possuído país criado em sonhos sem dono...)  
 Se eu fosse, mesmo assim repartido e sem dono,  
 até lá de onde a luz sozinha e nua vem,

chegara a mão de outrora a uma nuvem ao menos,  
 de súbitos jardins jorrariam acenos,  
 e sorriria de água esta praia sem mar.

Piso a escada que sobe, e naufragam meus passos  
 nas quatro dimensões de insólitos espaços:  
 sou íntimo da noite – a que me vai fechar.

## 70 EPITÁFIO/III

Sob a língua, sob a mão,  
 sob o mais íntimo outrora,  
 não resta fauna, nem flora,  
 nem voz de sim, nem de não.

A esfolhada habitação  
 perdeu a forma de agora,  
 e deserto favo chora  
 derramado vinho vão.

Arrasta-se o lusco-fusco,  
 despindo um corpo de musgo  
 das suas vestes de rei.

No céu, na pedra, na sombra  
 tinta de silêncio e sombra  
 escreve: Aqui acabei.  
 (1952)

## 71 SEPULCRO (\*)

Sob o disfarce do canteiro torno  
e frio, ainda floresce o mesmo sol,  
treme o fulmíneo grão e o som já morto  
esconde, em fala e forma, o rouxinol.

Não pode à tona vir o fruto absorto  
que arde maduro diante do arrebol,  
e sabe a enseada e vê a luz do porto  
chamar, fugindo, o grave girassol.

O enxame oculto será pó de nada  
sem ofertar o favo fulvo à entrada  
silvestre, de âmbar e úmida agrestia.

Será distância e neve sob o vento  
o ar sepulto que aspira ao pensamento  
de florescer em passo e voz na estrada,

– público tal a rosa e o claro dia.  
(22.5.54)

## 72 RETRATO DE LETRAS

Leio-me, e não me encontro em verbo escrito.  
Minhas palavras não escrevem ou  
esqueceram meus ecos o meu grito,  
ou meus olhos não lêem mais quem sou.

O que em papel meu rastro deixa dito  
é folha de hora que de mim voou,  
foi lugar no meu súplice infinito;  
nele vivo, talvez, mas não estou.

(As palavras são rostos de um momento,  
e contam frágeis fábulas de vento  
em bocas que falaram nossa voz.)

Mal releio na sombra do retrato  
de letras que escrevi no ontem abstrato  
minha face de vida e prévio após.  
(6-8.11.54)

## 73 SONETO PÓSTUMO

Após trinta anos, séculos ou dias,  
 encontro-me, e não mais me reconheço:  
 as duas sílabas do sonho, frias,  
 dormem silêncio no meu lábio espesso;

o vento e a chuva contam-me o endereço  
 de um oblíquo país de alegorias,  
 em que formas e cores pelo avesso  
 falam comigo brumas e invernias;

imóveis rios, negros, negros, cactos,  
 carbonizadas fontes, mortos tactos  
 copio em páginas de gelos ou

soletro as letras do jamais (sem vê-las)  
 e a solidão do sol e das estrelas:  
 sem pés caminho e ausentemente sou.  
 (23-24.11.63)

## 74 PERTO E LONGE DO ANO 2000

Meus olhos não verão o ano 2000:  
 não viajarei a Londres por telégrafo,  
 não trocarei de tacto, nem de ouvidos,  
 não porei no meu sexo quatro sexos;

não usarei jamais o telefone  
 para matar alguém em Bombaim;  
 os fermentos do amor jamais terei  
 elaborados por computador

carregados no bolso do colete  
 e nem escreverei meus poemas no ar.  
 Mas nada disso me comove,

e eu dera todo o século que vem  
 e mais algumas horas por um só  
 dos dizeres de luar dos meus outroras.  
 Dezembro, 82

## 75 RESÍDUO

Na hora de terra e de restituição,  
 ao descer para a exata moradia,  
 nada carregarei do largo dia,  
 tanto as dormidas mãos me dormirão.

A antigüidade do meu coração,  
 o clima desta boca já vazia,  
 a naturalidade nua e fria  
 nada de nada mais recordarão.

Mas sob a circunstância de alguns mármoreos,  
 entre sementes de impossíveis árvores,  
 vago talvez despido do seu véu,

meu pó, esse último acidente,  
 acordará dentro de um eu insciente  
 o teu ouro de sol de ausente céu.

De: “O rio escuro” - *A Garcia de Paiva*

*“Escuro rio (tal qualquer destino humano)  
 Escuramente escorre entre margens escuras  
 Pela desolação de escura meia-noite  
 Em busca de uma outra escuridão.”*

## 76 AD TE CLAMAMUS...

Em meio à noite má que nos circunda,  
 povoada de uivos, guais e maldições,  
 Causa das Causas, baixa à terra imunda  
 E à miséria sem paz que nos impões.

De um jorro de astro o velho chão inunda  
 e alarga os nossos tristes corações  
 por que contenham esta dor profunda  
 de nunca ver-te à altura em que te pões.

Ó fantasma sombrio! Arcano odiento!  
 como há de o raso, humano pensamento  
 atingir-te em teu surto de ascensão,

se, alheio ao nosso amargo sobressalto,  
 sempre és maior, mais trágico e mais alto  
 que a nossa inútil desesperação?

(1922)



## 77 HERANÇA DE HOMEM

A hidra de sal, – instinto e pensamento  
que estão ocultos na manhã que raia,  
– pendura sóis nos caules do momento  
e apagará o cisne, a voz, a praia.

Sob o teto de cacto, sem alfaia,  
sempre é véspera o céu, ou adiamento;  
a escada de degraus de sombra esmaia,  
fugindo o passo em cinza e perdimento.

Um fruto de oiro pelos ares voa;  
em sua busca seguem asa, proa,  
leão, tigre, peixe, crinas de corcel.

Escrita de homem vai nascendo e lança,  
na luz que também nasce, a sua herança:  
Aqui começo, e desde já sou fel.  
(4.4.45)

## 78 A VIDA TEM UMA FACA NA MÃO (\*)

Vamos parar de ler. Paremos de escrever.  
Olhos e mãos circulam no papel  
ao serviço da dor e da desgraça,  
mas as palavras são frias e sem fel

para exprimir o desespero dessa taça.  
Ninguém sabe escrever. E ninguém pode ler  
o que fica, depois de tanta luta fútil,  
da escuridão desvirginada do teu ser

na indiferença de uma folha de papel.  
Hoje, ontem, amanhã – amanhã sobretudo –  
a vida sempre tem uma faca na mão,

vai sob as unhas, vai direto ao coração,  
dói nos olhos, nos pés, dói na alma, dói em tudo,  
torna toda a poesia um jogo raso e inútil.

## 79 SOBRE ESTE RIO

Neste ápice das horas me procuro  
e não sei onde está minha presença.  
(Acaso não serei ponte suspensa  
entre o vão do passado e do futuro?)

Vapor de diferença e indiferença,  
de nenhum lado estou do triste muro,  
com que convivem o meu passo escuro  
e a névoa sem degraus, que se condensa.

Em que desvão do tempo estou ausente?  
Inclino o pensamento circunflexo  
sobre este rio em que vegetam mágoas,

sem me encontrar na viagem da torrente:  
sou transcendência arqueada no ar sem nexos,  
forma difusa na intenção das águas.  
(19-20.1.52)

## 80 DESENCONTRO

Desconcertada vida malvivida,  
quem te desconcertou e mal viveu?  
Sob que acaso nasceste, e foste influída  
pelo sinal de negativo céu?

De onde te veio o lábio de suicida  
que cala em ti, porém não era teu?  
Quem usa tanta morte em pouca vida?  
Qual de nós é destino – tu ou eu?

Não somos duas côncavas tristezas,  
expressões de polares naturezas,  
que em unidade não se integram?

Sou passivo pedaço teu, deserto!  
ou sofrido caminho sempre aberto  
ao gelado pisar do teu falcão?  
(25.2.52)

## 81 LUZ/II

Tácita luz sem enternecimento,  
 que no teu raio ao morto chão trouxeste  
 cruas raízes de acontecimento  
 e a participação do além celeste,

sob a intensa nudez da tua veste  
 tremula e fulge o maravilhamento  
 da verde eternidade de onde vieste  
 para esta praia esguia de um momento.

Exprimes no estupor de cada rosto  
 das cousas do universo decomposto  
 teu reino de relâmpago e de gelo,

e foges, vendo os homens sem mudança,  
 varados de degredo e de esperança,  
 rondar teu dia para anoitecê-lo.

(23-24.3.52)

## 82 DUAS ILHAS

Duas ilhas, polares e remotas.  
 No vazio de mundos sem linguagem,  
 Entre móveis distâncias de gaivotas,  
 Erra a sombra de naufraga viagem

E vaga o espanto de desfeitas frotas  
 Na boca tempestuosa de voragem.  
 Os silêncios dos peixes e das grotas  
 de céu a céu desenham a paisagem.

Desliza no ar a nau da noite. Intensa  
 nuvem desertos pensamentos pensa:  
 ó solidões na solidão dos mares!

Em círculos oclusos dividida  
 e em apartados tempos flui a vida.  
 Duas ilhas, remotas e polares.

(27-28.3.52)

83 *WE ARE SUCH STUFF...*

Os ainda não falados pensamentos,  
 estes fumos sem cor, logo desfeitos,  
 as palavras de corpos alvacentos  
 que não foram estrelas, véus, nem peitos;

estes oblíquos acontecimentos  
 em que aconteço e em outra vida deito, os  
 dentro de mim de ouro trigais sedentos,  
 atos sem mão nos mundos rarefeitos:

sou feito disso, disso é feita a vida  
 em simultâneas faces refundida:  
 a torre sob o sono, a esfera flava,

este ar absorto com seu eco fundo,  
 os ventres sem estátua, um outro mundo  
 no incerto olhar das cousas que eu pensava.  
 (3.5.52)

84 *OMNIA FLUUNT*

De tempo somos feitos e acabamos  
 quando escassa clepsidra seca em nós.  
 Inescrutavelmente gotejamos  
 a nossa essência breve, neste a sós

fugirmos entre fugitivos ramos  
 de horas e dias. Fluidos e sem voz,  
 escorremos de nós e nos escoamos  
 sem esperança até a esperada foz.

Ah! interromper-se o fluxo que nos leva,  
 a água que flui fazer-se imóvel fonte,  
 parado sonho a vida solta no ar...

Não vermos fosso, muro, fria treva,  
 e adiarmo-nos além deste horizonte,  
 sem outrora, num hoje circular.  
 (27.5.52)

## 85 HUMILDE ASPIRAÇÃO

Não é querer aquele todo mito,  
que cada mão compõe e individua  
e em que não vê a sua sombra, a sua  
cor, seus dedos, seu íntimo infinito.

Não é dizer escuro amor já dito  
e claro agora ouvi-lo, nem a lua  
reformular no céu de finda rua,  
nem outro ser do que já foi escrito.

É desejar a mesma vida, inteira,  
refeita em fel igual a grave sulco,  
do mesmo aflito sonho visitada:

recompor a indigência, o sol, a poeira,  
aquela flor, os pássaros, um vulto:  
nua inocência da primeira estrada.  
(8.6.52)

## 86 CAMINHO DA ESPERANÇA

A colorida relva não descansa  
de olhos e pés tingir de suas flores,  
e o paciente caminho da esperança  
acende-se de vozes e de cores,

sobe a frente, a manhã, a noite, a rua,  
vara oceano e muralha de degredo,  
em subterrâneas arcas se insinua,  
e viaja o sono, a morte, o fogo e o medo.

Tem o rumo do amor, e o seu engano.  
Pode parar pesado passo humano  
entre goivos de gelo e glebas turvas

e olvidar sua relva colorida:  
restos de olhar lhe tatearão, nas curvas  
a fugir, a evasiva cor da vida.  
(24.6.52)

## 87 VIDA/II

Viagem arrependida  
de beijo esvaído no ar,  
légua de sonho e mar  
da curva apeteçada.

Sombra desconhecida  
sob o sol a passar;  
olhar cravado a olhar  
a aurora interrompida.

Espinho sem intuito,  
com fel e sal de amor,  
no coração gratuito.

Rosa de homem e criança...  
Ó arco-íris sem cor,  
ó chuvosa esperança.  
(9.7.52)

## 88 EPÍLOGO

No inverno sem paredes desta vida,  
que chuva morta, dentro do ar parada,  
e que distância mal anoitecida  
pensam meus pensamentos de mais nada?

Talvez esperem o outro meu suicida  
(o que ficou no gume da escalada)  
e espelhos da palavra já vivida,  
com seu dia, seus olhos, sua espada,

os frutos que tingiram o aço da hora,  
sua pronúncia de mistério e aurora.  
Saltam corcéis de escuro coração

num galope de nuvens da espessura:  
rola todo o desfeito céu de altura  
e se organiza em chão de outrora e chão.  
(18.9.52)

## 89 CONDIÇÃO HUMANA

Em vão o Homem de si foge e se esquece:  
seu caminho e memória vivem no ar,  
e sem querer ele relembra, e desce  
túneis e selvas para regressar.

Em vão destrói raízes, solo e messe  
de formas, frutos e árvores de luar:  
rubra semente acorda, aponta e cresce,  
antes de seu desejo desejar.

Em vão se aquieta e esfria a carne insone,  
e despe o coração a sua fome,  
o olhar o fogo, os lábios o clarão:

entre o limo do sono se insinua  
crasso incender de sombra e frio, crua  
busca de ser e de culminação.

(16.10.52)

## 90 ANOITECER

Pára o caminho que conosco andava:  
estamos sós a sós; somos outrora;  
e em morta neve embranqueceu a lava  
(mas amor que chorava ainda chora).

Foi esta pedra sonho, e fronde flava  
parda raiz de sono; cada agora  
fulmínea seta em nosso intuito crava,  
e um vôo de falcão a tarde explora.

Sonham os dedos pássaros e flores,  
a cor do olhar porém, colore as cores,  
e alma e dia erram entre lusco e fusco.

E sob, de tempo, chuva, terra e frio,  
cumpre-se, exato e cego como um rio,  
nosso amadurecer em noite e musgo.

(25.10.52)

## 91 CONDIÇÃO HUMANA/IV

Temos no coração o teu invento,  
nas mãos e pés mapa de ti escrito:  
nossa afligida carne e pensamento,  
nosso mistério e deambulante mito,

o nós que somos é parado grito  
contra a longínqua aliança do teu tento  
com aços de ar, com águas de granito,  
pélago e sombra, dúvida e momento.

A intimidade nua destas lanças,  
a sede que embebeda a nossa palma,  
nossas desesperadas esperanças

são letras vãs dentro do teu contexto,  
e a vida, de que somos olhos e alma,  
é a tua ocasião e o teu pretexto.

(31.10.52)

## 92 NEM PORTA NEM FLOR

O céu de exílio, este ar, esta água e chão  
sugerem, vespéral, perdidamente,  
sinais de um território de acidente,  
caminhos sem intuito, amor sem mão,

sem golfo para o exíguo coração  
nele chorar-se, nem fruto emergente  
em meio às pedras. Adormece a mente  
no silêncio da côncava amplidão;

as órbitas recordam o velho brilho,  
fitam a turva noite e o seu sigilo,  
e ainda alcançam doer e soletrar

que tudo é rosto e acaso, a estrela é nula,  
não há porta nem flor para a amargura  
do homem – chuvoso, afluyente e circular.

(14-17.12.52)



## 93 ITINERÁRIO

E a relva de ouro? E a rútila clareira?  
 E a verde vela, o sol, a trompa amiga  
 para os passos do sonho (e da fadiga)  
 entre penhascos, pântanos e poeira?

(Nem antes nem depois da azul fogueira,  
 gesto de cor, de estrela ou de cantiga  
 – mão de acidente na jornada antiga –  
 dirá o itinerário da cegueira.)

Que rumo escondem as secretas capas  
 sobre água, terra e tempo? Que gaivotas  
 leram escuro o claro pergaminho?

(E enquanto os olhos doem sobre mapas,  
 conversam mares e meditam rotas,  
 os crassos pés conduzem o caminho.)  
 (12.1.54)

## 94 FLECHA DE OURO

Agora e aqui na derradeira curva,  
 ainda pudera o céu acontecer,  
 e a porta sem jardim da casa turva  
 acordaria novo amanhecer;

a árvore malferida, a chamada curta,  
 o triste corpo e o olhar de nunca ter,  
 – vida que, por furtada, ninguém furta,  
 possuiria seu vértice de ser.

Um debruçar-se de água sobre folha,  
 gesto de arco-íris à penumbra que olha,  
 pedindo do mais fundo chão do chão

uma letra por entre a relva fria,  
 e a fluida flecha de ouro fenderia  
 a surdez da impossível dimensão.  
 (29.5.54)

## 95 FATUM

Imaginariamente se inaugura  
 (e imaginariamente acaba) o dia,  
 e o nosso itinerário se extravia  
 e engana sonho e carne enquanto dura.

O pensamento, às soltas, conjetura  
 fundo e face da nossa alegoria:  
 de ventos, de águas e de nuvens fia  
 a essência da verdade e da ventura.

De onde nascemos? onde, em nós, a morte,  
 que vai matar-nos vive?) Temos ano  
 menos ano nas mãos sem luz nem norte.

De ossos e limo somos transcendência,  
 e chão de acaso, noites sobre oceano,  
 mistério e sal – a nossa residência.  
 (29.6.54)

## 96 TUDO É FRAQUEZA

Doce avena, coros sobre a frente,  
 cores e mundos criados pelos dedos;  
 o prodígio dos passos no horizonte  
 riscado de esperanças e de medos;

a palavra que é boca, é asa e é ponte  
 entre amplidões, raízes e degredos;  
 árvores, águas, astros; olhos – fonte  
 de que escorrem serpentes, luar, segredos;

tudo é fraqueza em ventos que se somem,  
 tudo é de pedra feito ou só de mente,  
 imaginado real, terrena sorte:

só existe, e é divina, a carne em que o homem  
 convexo busca minuciosamente  
 o seu sabor – eco de Deus – e morte.  
 (12.3.55)

## 97 CONDIÇÃO HUMANA/V

Cor, som, pelúcia, alguma cousa fere  
a água velha do outrora mar, e o frio,  
já morto, que a gelava, a(s)cende em febre  
à quilha de vivíssimo navio.

Adolescente fogo de combates  
navega pensamento de sereias,  
de finos sóis, em jogos, nas areias,  
com repentinas flores escarlates.

Brotadas nas escarpas dos instantes,  
subitamente formas lancinantes  
fazem cair as máscaras e as vestes:

da antiga pele Homem transborda todo,  
fareja e caça, entre últimos ciprestes,  
a côncava metade do seu lodo.  
(20.8.60-16.8.63)

FIM

## APÊNDICE

- 1) Artigo sobre o livro de Jason Carneiro
- 2) Texto da Academia Brasileira de Letras
- 3) Texto da Academia Barbacenense de Letras

### OS HORIZONTES DE JASON CARNEIRO

Se há alguma coisa que se pode exigir do poeta é que ele conheça a poesia e como esta letra não tem idade a afirmação vale tanto para a poesia dita clássica como a mais contemporânea possível, de preferência livre de rótulos. Só lendo muita poesia, de princípio alimentando-se como as crianças, com muita fome e sede, sem a preocupação de avaliar níveis de qualidade, o poeta poderá exigir de si algo mais do que pensa que pode realizar: é a superação. Conhecer seus pares é o abc do poeta.

E depois de muita estrada percorrida, quando ele experimentar um prazer indizível lendo a poesia desses outros autores, aí sim, terá atingido o nirvana de sua atividade poética, com o direito de também ser lido. O resultado será produzir uma poesia capaz provocar os mesmíssimos sentimentos, desde os leitores comuns até naqueles que começam a caminhada, gerações desconhecidas, consolidando o moto contínuo, fator primordial que aflora entre a condição humana e a arte.

O artigo sobre Abgar Renault saído nesta A Confraria já me deu pelo menos uma alegria, pois foi por causa dele que tive o prazer de conhecer a belíssima poesia de Jason Carneiro, em livro que o autor, muito justo e comovido, homenageia o poeta mineiro [*Assim nascem os horizontes*, poemas, Editora Ibis Libris (ibislibris@uol.com.br), Rio de Janeiro, 2003].

Não vou falar aqui da técnica, da estética ou da excelência da poesia de Jason Carneiro, porque Pedro Lyra, Ivan Junqueira e Alberto Guerreiro o fazem com muito mais competência e talento de que este escrevinhador seria capaz. Alberto Guerreiro, em alentada introdução intitulada Alma Forasteira, aliás, dá uma lição de como se deve comentar um livro de poesia. Esse exemplar prefácio escrito de modo bem diferente das críticas que correm por aí, cuja técnica é a mesma à dos fabricantes de salsicha, lingüiça e demais embutidos, Alberto Guerreiro desenvolve uma análise do livro *Assim nascem os horizontes* enxuta, objetiva e sem fogos de artifício. Mister se faz que seja indicada a todos os alunos de Letras.

Cabe-me admirar a simplicidade com que Jason Carneiro demonstra a confessada veneração que tem à poesia de Abgar Renault, da qual é fã explícito como eu, deplorando que a divulgação da obra meritória do poeta de *A outra face da lua* encontre dificuldades de diversos níveis. As letras brasileiras precisam da poesia de Abgar Renault. Entre todas as artes somente a poesia é capaz de produzir esse tipo de efeito no qual a influência tanto mais forte se desencadeia em novas criaturas, sem que os anos tenham qualquer peso no processo. Tomara que o impasse – se houver algum – seja logo superado para que a poética de Abgar Renault não se transforme em saudade.

Com efeito, em *Assim nascem os horizontes* se vê que a influência se faz não só como imitação ou recriação, como seria injusto supor, mas exatamente no destravamento dos conceitos básicos do fazer poético, que afetam toda a construção do poema, desde a escolha temática até às miudezas

gramaticais. O que Abgar Renault desenvolveu na sua poesia certamente serviu de exemplo e lição. A poesia de Jason Carneiro é também uma constante e meticulosa reinvenção. É assim que nascem os horizontes, é assim que nasce a liberdade no criar.

Se Abgar Renault foi um mestre em dosar cadência e ritmo mesmo nas frases longas, Jason Carneiro não só aprimora o que apreendeu, mas acrescenta um tom nas palavras e em novas sílabas, de forma que tudo ganha uma leve sonoridade, um batuque suave nos entremeios, que vem de encontro ao leitor mesmo sem ser chamado: surpreende. Se o tom assim o exigir, o poeta não hesita em encurtar a frase na medida certa e tudo se transforma em som e ritmo. Palavras como receitas homeopáticas, tudo na medida certa, sem excesso, o absolutamente necessário. Eis como influência não significa imitação, mas estímulo para novas aventuras.

Com o desaparecimento recente de Fernando Sabino se repete o drama da obstrução autoral. Antes mesmo de o corpo esfriar os seus herdeiros declararam à imprensa que nenhuma obra inédita dele vai ser publicada. Seria esta o desejo do próprio Fernando Sabino. Se Max Brod tivesse feito as vontades de Franz Kafka ou Manuel Bandeira às de Mário de Andrade... Enfim, não posso acreditar que um escritor do porte de Fernando Sabino tenha produzido algo que fosse para deixar inédito. Todos perdem.

Para encerrar esta honesta indignação, lembra-me fazer um paralelo entre os dois AR – Abgar Renault e Artur Rimbauld. Quis o destino que ambos fossem poetas de magnitude e que em determinada fase da vida largassem a poesia em troca de uma existência privada, dita normal, isto é, fossem cuidar da própria vida, livres da desilusão que a poesia nos envenena fazendo pensar que é, ela própria, caminho para a imortalidade. Pois para nós, os condenados, interessa não o Rimbauld contrabandista e comerciante nem o Renault educador e político, mas sim nos embriagar com a poesia que em breve lapso de tempo ambos nos honraram legar. E nada mais.

Simplemente porque a vitalidade da obra supera a existência física de seu autor, cria alma própria, como se vê pelo que ocorreu a Jason Carneiro, a poesia de Abgar Renault sobrevive e em sua caminhada vai despejando sementes ao longo da vida. Assim será – a literatura ganha, todos ganham. Como conseqüência teremos outras bonitas homenagens como esta que prestou Jason Carneiro a nosso ídolo Abgar Renault em comovida canção, que introduz o leitor à mágica aventura da própria poesia. É, como disse no início, poeta falando para poeta, um diálogo entre pares:

#### A SAUDAÇÃO DO PEREGRINO

Jason Carneiro

Poeta, eu vim para buscar-te  
à lápide invisível que te oculta  
sem te conter – o inútil monumento  
à humana pretensão de atar o vento.

Em pessoa compareço ao teu espírito  
e nele vejo a noite, dentro dela um curral,  
ali um último boi, uma cidade ao longe

e um Ford fordejando na descalça rua,  
na alegria da manhã seguinte.

A mim, Poeta, dói-me o que sou.  
Doem-me as coisas deste mundo, dói-me saber  
da negra solidão que avança sobre os prados  
e sobre as casa, e sobre as almas,  
e sobre mim. Dói-me o tempo  
de estar sem ti num mundo que te esquece  
quando eras, mais que necessário, visceral.  
Dói não seres mais. Onde a tua voz  
no alvoroço deste mundo (e a estrela,  
quem louvará?) perdido? Ó azáfama infecundo,  
a pressa de buscar e ser não sei o quê,  
não sei aonde.

Dói-me o que fez de si o mundo. Dói-me dormires  
em Sofotulafai, em Tunis, Barbacena,  
a tua gráfica velhice, dói-me o medo  
conspurado de certeza que cantaste  
de uma morte que, se enfim chegou, pouco pôde contra ti.

Repetir os versos e as lágrimas e os versos:  
eis o que te posso dar, Poeta, eis o que faço,  
humildemente, a mão buscando a tua,  
nos bergantins dos teus velhos sapatos,  
no teu chapéu sonhador,  
no desvairo, no goivo, no alaúde.

Si je pouvais à peine prendre ta main,  
serias hoje centenário, e nenhuma neve  
ferveria neste coração que trago e deixo.

(15/04/2001 – Centenário de Abgar Renault)

(Artigo publicado em [www.aconfraria.com.br](http://www.aconfraria.com.br))

## ABGAR RENAULT

Abgar Renault (A. de Castro Araújo R.), professor, educador, político, poeta, ensaísta e tradutor, nasceu em Barbacena, MG, em 15 de abril de 1901, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 31 de dezembro de 1995. Eleito em 1º de agosto de 1968 para a Cadeira n. 12, na sucessão de J. C. de Macedo Soares, foi recebido em 23 de maio de 1969, pelo acadêmico Deolindo Couto.

Era filho de Léon Renault e de Maria José de Castro Renault. Casado com D. Ignês Caldeira Brant Renault, teve dois filhos, Caio Márcio e Luiz Roberto, e três netos, Caio Mário, Abgar e Flávio.

Realizou os estudos primários, secundários e superiores em Belo Horizonte, onde começou a exercer o magistério. Esteve sempre ligado à educação e, como professor, preocupou-se com a língua portuguesa, de que foi um conhecedor exímio e representante fiel. Em todos os postos que ocupou, como no magistério, Abgar Renault desenvolveu intensa e exemplar atividade, registrando em *A palavra e a ação* (1952) e *Missões da Universidade* (1955) seus estudos e reflexões.

Além disso, foi um grande poeta. Contemporâneo de Carlos Drummond de Andrade, juntou-se ao grupo surrealista (sic) moderno e participou do movimento modernista de Minas Gerais. Desde então, sua importância na literatura contemporânea só fez crescer. Apesar de ter a obra associada ao Modernismo, fazia uma poesia original, audaciosa, não formalista e não ligada a nenhuma escola poética. Era dos que não faziam questão de aparecer em público, mas sua qualidade literária se impõe nos livros que publicou.

Foi também um notável tradutor de poetas ingleses, norte-americanos, franceses, espanhóis e alemães. Era um grande especialista em Shakespeare. Sua poesia tem sido incluída em numerosas antologias, no Brasil e no exterior.

Obras: *Sonetos antigos* (1968); *A lápide sob a lua, poesia* (1968); *Sofotulafai, poesia* (1971); *A outra face da lua, poesia* (1983); *Obra poética, reunião das obras anteriores* (1990).

Traduções: *Poemas ingleses de guerra* (1942); *A lua crescente* (1942), *Colheita de frutos* (1945) e *Pássaros perdidos* (1947), de Rabindranath Tagore; *O boi e o jumento do Presépio* (1955), de Jules Supervielle. Essas obras foram reunidas, em grande parte, em *Poesia Tradução e versão* (1994).

(Texto da Academia Brasileira de Letras [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br))

## ABGAR RENAULT

A relação de Abgar Renault com a Academia Barbacenense de Letras (ABL) sempre foi enriquecedora, uma vez que desde os primórdios da entidade aceitou o título de Membro Honorário, distinção que cultivava com respeito. Enquanto pôde contribuiu para o Anuário da ABL, não só com envio de matérias e cartas, como também remetendo-nos o donativo para a publicação da obra.

Em 1990 a editora Record do Rio de Janeiro lançou Obra Poética, contendo nove trabalhos do poeta. O jornal “Cidade de Barbacena”, de 31 de março daquele ano, em seu suplemento “CB2” fez alusão ao fato e isso o comoveu, razão que o levaria a nos enviar sensível correspondência.

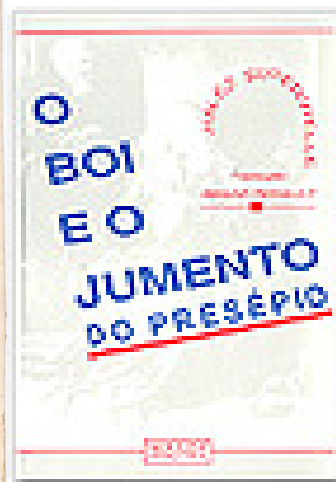
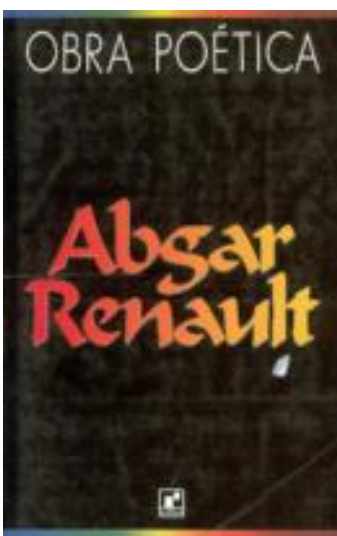
Abgar Renault ao lado de Honório Armond está entre os expoentes maiores nascidos nesta terra no que concerne a sua elaborada sofisticação intelectual e poética. Nas entidades e eventos de que participava era destaque por causa de sua erudição e cultura.

Entre seus planos estava uma visita a Barbacena, a doação de um quadro com seu retrato para nossa galeria e livros para o acervo da biblioteca. Infelizmente a doença dele se agravou e isso não se concretizou. Esperamos que sua família, após vencer esse momento difícil, possa nos apoiar e satisfazer essa vontade.

Que Abgar Renault não seja apenas a lembrança de um nome, de um bravo defensor da língua de Camões. Que seus livros sejam lidos, porque foram escritos com profundidade e substância. Que possa ele, onde estiver, ficar tranqüilo e sereno, pois soube dar nessa sua passagem planetária um recado de garra e fé trabalhado em versos que jamais negarão o sinal dessa passagem.

(Texto da Academia Barbacenense de Letras (ABL))





## O autor da Antologia

Meu nome é Salomão Rovedo (1942), fiz minha formação cultural em São Luis (MA), resido no Rio de Janeiro. Sou escritor e participei de vários movimentos poéticos nas décadas 60/70/80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos.

Tenho textos publicados em: Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo-CS, Rio de Janeiro, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Mícolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1981; Chuva Fina (Antologia), org. Leila Mícolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1982; Folguedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed.dos AA, Rio de Janeiro, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1987.

Inéditos que estou tentando publicar em e-books: Liriana (Contos), O Breve Reinado das Donzelas (Contos), Estrela Ambulante (Contos), O Pacto dos Meninos da Rua Bela (Contos), Ventre das Águas (Romance), Poesia de Cordel - O Poeta é Sua Essência (Ensaio), O Cometa de Halley e Outros Ensaio (Artigos Publicados em Jornais), (Poesia): Pobres Cantares, 20 Poemas Pornôs e 1 Canção Ejaculada, Glosas Escabrosas (Xilogravura de Marcelo Soares), Blues Azuis & Boleros Imperfeitos, Ventre das Águas, Amarcanto, Viola Baudelaireana e Outras Violas, Templo das Afrodites, Amor a São Luís e Ódio, Anjos Pornôs, Macunaíma (Em Cordel).

Outras coisinhas que fiz: publiquei folhetos de cordel com o pseudo de Sá de João Pessoa; editei o jornalzinho de poesia Poe/rt/ta; colaborei esparsamente em: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguaí), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) – e outras ovelhas desgarradas, principalmente pela Internet.

Tenho também ebooks disponíveis gratuitamente no site: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br) e em outros sites de ebooks grátis. Email para contato: [rovedod10@hotmail.com](mailto:rovedod10@hotmail.com) – [rovedod10@gmail.com](mailto:rovedod10@gmail.com)

Endereço:

Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi-20785-000-Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil - Tel: +55 21 2201-2604

Foto: Priscila Rovedo



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA. Obs: Após a morte do autor os direitos autorais devem retornar para sua filha Priscila Lima Rovedo.